

CAPÍTULO V

A educação dos filhos

1. *Os filhos, as "letras", as "virtudes"...*

A "educação" dos pais - marido e esposa - tinha, necessariamente, que trazer ligado a si o problema da criação e educação dos filhos. Uma questão importante e de visíveis repercussões, como teremos ocasião de realçar, na literatura pedagógica, religiosa e moral dos séculos XVI e XVII.

Apesar de, há já algumas décadas, alguns estudos terem feito circular a ideia de que o "verdadeiro" sentimento da infância só começou a surgir na Época Moderna - e com mais nitidez no século XVII -, baseando-se numa suposta indiferença pela mesma durante a Idade Média, especialmente nos

grupos sociais inferiores¹, estudos mais recentes têm vindo a referir textos e indícios que não apontam nessa direcção².

É certo que as referências à infância e aos filhos, nos textos literários e moralistas medievais, não são muito frequentes ou, quando o são, inserem-se, normalmente, na visão depreciativa da vida terrena e da fortuna adversa, como o mostram, por exemplo, alguns textos de Petrarca e, entre nós, os já referidos *Orto do Esposo* e *Boosco Deleytoso*³. Curiosamente, argumentos idênticos, embora com uma diferente contextualização teórica - e polémica -, veio a usar o

¹ A divulgação desta ideia deve-se, fundamentalmente, a P. ARIÈS, *L'Enfant et la Vie Familiale*, esp. 53-74: "La découverte de l'enfance". Nesta obra, editada pela primeira vez em 1960, P. ARIÈS, embora com algum esforço para matizar o problema, não evitou alguma simplificação, nomeadamente através de algumas afirmações vagas: "Dans la société médiévale, que nous prenons pour point de départ, le sentiment de l'enfance n'existait pas". Apesar de ter ressalvado que "cela ne signifie pas que les enfants étaient négligés, abandonnés, ou méprisés..." (*L'Enfant*, 177), a afirmação anterior parece ter surtido maior efeito, já que muitas leituras posteriores da obra retiveram mais a primeira - e o seu sentido vago - do que a segunda e o que ela queria especificar. Foi o caso de E. SHORTER que, na sua obra *The Making of the Modern Family* (1ª ed. 1975), quase levou às últimas consequências esta afirmação de ARIÈS. Para SHORTER, "in traditional society, mothers viewed the development and happiness of infants younger than two with indifference...". Acrescentou igualmente que "among the ordinary people who are my concern, this traditional insouciance persisted until at least the last quarter of the eighteenth century and, within some classes and regions, considerably later..." (*The Making of the Modern Family*, Glasgow, 1977, "Chapter Five - Mothers and infants", 170 ss.). Também L. STONE, na sua conhecida obra *The Family, Sex and Marriage* (esp. 81-89), embora com intuítos de maior equilíbrio, deixou também transpirar algumas ambiguidades em torno desta questão, nomeadamente ao dizer que "Between upper-class parents and children, relations in the sixteenth century were also usually fairly remote...", facto que atribuiu à acentuada mortalidade infantil, concluindo que "as a result, in the sixteenth and early seventeenth century very many fathers seem to have looked on their infant children with much the same degree of affection which men today bestow on domestic pets, like cats and dogs." (*The Family*, 82). Para uma crítica global a estas duas últimas obras, cf. M. ANDERSON, *Elementos para a História da Família Ocidental*, esp. 37 ss.

² Cf. D. D. BERKVAM, *Enfance et Maternité dans la Littérature Française des XIIe et XIIIe siècles*, Paris, 1981, que acentuou, socorrendo-se das muitas referências em "romances" e "epopeias" daqueles séculos, as fortes ligações afectivas entre mãe e filhos; H. MARTIN, *Le Métier du Prédicateur*, Paris, 1987, 446-448, "estranhando" as afirmações de "certains historiens modernistes" relativamente à ausência do sentimento da infância antes dos séculos XVI e XVII, referiu, para além de um estudo de F. BONNEY, *Jean Gerson et l'enfance* (thèse de 3e cycle, Bordeaux III, 1972, dact.), a frequência de ocorrências relativas à infância e à relação mãe-filhos nos sermões medievais, afirmando que a linguagem destes "montre que la nature enfantine est prise en compte en tant que telle" (*Le Métier*, 448); veja-se também, em especial, S. SHAHAR, *Childhood in the Middle Ages*, London and New York, 1990. Para uma síntese desta questão, v. D. ALEXANDRE-BIDON, "Grandeur et renaissance du sentiment de l'enfance au Moyen Âge", in *Histoire de l'Éducation*, 50 (1991), 39-63.

³ As referências aos filhos nestas obras são usadas para acentuar as dificuldades da vida terrena e mundana, não pela ausência de amor aos filhos, mas, precisamente, devido a esse amor e à especificidade do "mundo" infantil (cf. *infra*, notas 6 e 7).

"amigo" do Dr. João de Barros na Primeira Parte do *Espelho de Casados*⁴. Mas aqueles textos, cujo objectivo era a defesa do estado religioso e do afastamento do mundo, também não se debruçaram sobre - consequentemente, não valorizaram - outros aspectos e problemas da vida humana, entre eles, e a título de exemplo, o amor conjugal e a função maternal e educativa da mulher. Obviamente, tal não implica que se deva ou possa pensar que tais aspectos não tiveram expressão prática ou que a mulher - em especial a mulher casada - não exerceu, na realidade, essa função. O silêncio - ou uma certa visão pouco favorecedora - em relação a estas questões e a muitas outras semelhantes nos textos medievais deverá ser, naturalmente, compreendido no contexto da produção, dos objectivos e destinatários dos mesmos.

Fenómeno idêntico nos parece acontecer no que diz respeito à imagem da infância. Embora as referências aos filhos e ao "mundo" infantil nos textos de finais da Idade Média não sejam frequentes - não esqueçamos, por um lado, a escassez dos mesmos e, por outro, a sua proveniência e destinatários...-, quando existem revelam, pelo contrário, um forte sentimento da infância, da sua especificidade e dos seus problemas próprios, bem como um lugar importante na vida e aspirações dos adultos. Contudo, essas referências inserem-se, muitas vezes, naquele mesmo contexto das alusões às dificuldades da vida humana e, portanto, desde as perspectivas que defendiam o desprezo do mundo, como uma dificuldade acrescida aos casados: uma dificuldade que resultava não só da forte mortalidade infantil, mas também da especificidade e imprevisibilidade do "mundo" infantil. Um texto exemplar revelador do que acabámos de afirmar - e que convém lembrar aqui, tendo também em conta a forte e diversificada influência que exerceu ao longo dos séculos XV e XVI - é o já referido *De Remediis Utriusque Fortunae* de Petrarca que, tanto na primeira parte, num dos diálogos entre o Gozo e a Razão, como na segunda parte, num diálogo entre a Dor e a Razão, põs em confronto o desejo e a alegria de ter filhos com as dificuldades, os problemas e as angústias que a sua criação e educação comportavam⁵.

⁴ Lembramos novamente que esta parte aparece na obra para ser refutada... logo, os seus argumentos também o são, pelo menos em parte. Cf. *infra*, notas 9-11.

⁵ Os diálogos entre o "Gozo" e a "Razão", na primeira parte da obra, são especialmente interessantes para a percepção, por um lado, da alegria paterna em face do nascimento de filhos e, por outro, do reconhecimento de uma especificidade da infância, que a razão parecia ainda não saber controlar. Vejamos, a título de exemplo, uma passagem desse diálogo: "Gozo. engendre hijos./ Razon. aun no auias aprendido a temer ni a espertar ni a fazer votos. agora lo aprenderas y con peligro tuyo: aprenderas a auer piedad delos padres que perdieron hijos: aprenderas a vrdir luengos cuydados en breue vida. y a texer negocios que duraran mas que tu. aprenderas a ser atormentado delo que no te toca nada y a disponer delo que nunca viste. finalmente aprenderas a amar a otro mas que a ti. y aprenderas amar muy encendidamente: y a ser amado muy tibia..." (*De los Remedios...*, Sevilla, 1516, fl. g iij). Por outro lado, o diálogo, na segunda parte (dos remédios contra a fortuna adversa), entre a Razão e a Dor pretendeu consolar e orientar aqueles que, perante as contrariedades e os trabalhos provocados pela infância - em particular o nascimento de muitos filhos -, só

Também, entre nós, como dissemos, o *Orto de Esposo* e o *Boosco Deleitoso* nos deram uma imagem semelhante - aliás, influenciada, a primeira, pelo menos, pela de Petrarca - dessa visão "contraditória" (resultante da oposição entre o prazer humano e o apelo ao desprezo do mundo) em relação aos filhos, visão essa que convém lembrar para que se possam compreender melhor as diferenças que o século XVI veio a introduzir nesta questão. Disse o autor do *Orto do Esposo*, com os olhos postos provavelmente em Petrarca, que "*antre as cousas de que os homeens teem por honrrados e bemaueTURADOS he auer filhos. Mas esto em uerdade nom he bemaueTURANça, ca aadur pode ser que aquelle que tem filhos ou filhas, nom aja de padecer grande nojo e grauue tristeza por alguma mingua ou maa condiçom ou outro mal que aja em elles ou em seus maridos das filhas ou em nos netos. Porem melhor he que o homem seja liure de filhos e tenha o coraçom liure delles*, por tal que os nom ocupem e tomem per desuayradas maneyras e lhe tirem a liuridom do coraçom..."⁶. A tudo isto acrescentou, em consonância com outras vozes do seu tempo, as possibilidades não só de eles morrerem, mas também de virem a ser maus filhos⁷.

Por sua vez, o autor do *Boosco Deleitoso*, lembrando os perigos da vida dos casados, referiu que "sem conto som os cuidados do casado, ca ora ele há mui grande cuidado dos filhos, ora há cuidado dos servidores"⁸. Ora, esse "cuidado" só tem sentido no contexto do reconhecimento de um lugar próprio das crianças na sociedade, ainda que só na "sociedade" familiar...

Também a Primeira Parte do *Espelho de Casados* - curiosamente aquela em que o "amigo" criticou o casamento socorrendo-se de alguns tópicos correntes em textos medievais - ainda se fez eco desses mesmos argumentos, mas deixou igualmente enaltecido o amor dos pais aos filhos, numa passagem que revela a existência de um forte sentimento da infância, tanto pela sua especificidade como pelo lugar nas aspirações e anseios dos casados: "porque o pay e may com muy grande trabalho e fadiga os criam e se lhe morrem grandes

reparavam nesses. Assim o ilustra esta breve passagem: "Ra(...) entre los principales dones de vuestra felicidad suelen los fijos ser contados por mas principal (...) / Dolor. soy pobre con muchos hijos. / Ra. Antes en la verdad los hijos son tus riquezas (...) los fijos no son trabajo mas descanso de sus padres: aliuio de sus trabajos: y consuelo contra toda aduersidad si son buenos. y si no quexate porque son malos no porque son muchos. / Do. Gran multitud de fijos me tiene cercado. / Ra. porque no dizes acompañado: fortalecido y ornado? No solo los padres: mas tambien las madres llaman a los fijos su ornamento..." (*De los Remedios*, "segundo libro", fl. m iij).

⁶ *Orto do Esposo*, 278, subl. nosso.

⁷ Referindo que "os homeens deseiam os filhos, por tal que o seu nome nom pereça ou por auerem quem os defenda enna vilhice ou por auerem herdeyros en seus beens"), lembrou que "as quaaes ajudas som pera a uilhice criares tu *aquelle que per uentura morrera primeyro que tu, ou sera de maos custumes* ou certamente, quando chegar a hidade conprida, parecer-lhe-a tarde a tua morte?". Do mesmo modo, "bemaueTURADO he por nom auer maaos filhos, ca ja alguuns filhos foram que matarom seus padres..." (*Orto do Esposo*, 278-9, subl. nosso).

⁸ *Boosco Deleytoso*, 144.

ou pequenos: nam ha dor jgoal a esta. Porque o pay ama seu filho mays que a sy mesmo. e nam ha amor que vença ho do pay. E algumas vezes lemos que os pays quiserom ante morrer por dar a vida a seus filhos"⁹. Aduzindo vários exemplos, afirmou ainda que "Muytos tambien com grande door se matarom por seus filhos" e que "Outros fezerom grandes estremos. por filhos"; justificou ainda o sofrimento que alguns provocariam devido ao forte amor dos pais: "asi como muyto os amam asy sintem sua pena"¹⁰, para o que se serviu de argumentos, exemplos e estilo muito próximos dos de Petrarca no referido *De remediis*¹¹.

Estes diversos textos, devedores de perspectivas "medievais" da vida humana, revelam uma concepção da infância - e lembremos que, nesta época, o que poderíamos designar de conceito de criança era sinónimo do de filhos e, logo, o "sentimento", a "visão" e o lugar da criança reportava-se aos filhos e não ao nosso conceito de criança¹² - que não se dissociava da do contexto familiar e doméstico, portanto, da "vida privada", como textos anteriores também já tinham deixado transparecer. Veja-se, por exemplo, uma das cartas de Hernando de Pulgar, a *Letra para su fija monja*, na qual este autor começou por dar conta, antes da aprovação da opção religiosa da filha - opção essa que foi, de seguida, elogiada -, do apego paterno e do lugar da criança no ambiente doméstico, confessando ele que "...la hora que yo é tu madre te vimos apartar de nosotros y encerrare en ese encerramiento, se nos conmovieron las entrañas, sintiendo aquel pungimiento que la carne suele dar al espíritu..."¹³.

Naturalmente, dado o mundo doméstico em que, normalmente, viviam as crianças - exceptuam-se, obviamente, os expostos e os pobres em geral¹⁴ -, é

⁹ *Espelho de Casados*, fl.IV.

¹⁰ *Espelho de Casados*, fl. IIIr.

¹¹ *Espelho de Casados*, fl. III v. e IVr: "mas os outros he de crer que ante dariam a morte a sy que a seus filhos com ho grande amor (...) se som traessos quanta dor (...) assy como o filho bom alegra seu pay: assy o mao lhe da muyta door e o intristece (...). Poys os trabalhos e fortunas que se leuam com os fylhos piquenos. em suas doencas: e as mezinhas e romarias que lhe buscam suas mãys..." (subl. nosso).

¹² É, portanto, neste sentido que aqui usaremos estes conceitos. Convirá, talvez, lembrar que os conceitos de infância e de criança, tal como os entendemos hoje, isto é, enquanto objectos de discurso e de práticas específicas, estão ligados à emergência, em épocas recentes, de fenómenos como as práticas médicas e a Educação. É, contudo, importante não esquecermos as divisões de idades - com evidentes propósitos de diferenciação de espaços e de exigências específicas - que eram frequentes nesses séculos. Este aspecto foi realçado por P. ARIES, *L'Enfant*, esp. 29-52 e, em particular, 37 ss.

¹³ Hernando de PULGAR, *Letras*, in *Epistolario Español*, Tomo I (B.A.E., T. XVII), Madrid, 1884, 52.

¹⁴ Mas os expostos - tal como os pobres, cujas fileiras, aliás, ajudavam a engrossar - faziam parte de um mundo marginal... A eles se referiu, para criticar as mulheres que os abandonavam sem motivo forte, ERASMO no colóquio *Puerpera*, numa fala de Jocundo: "Dime: ¿qué cosa hay más cruel que echar una mujer su hijo en los lugares públicos que se suelen poner los niños furtivamente engendrados y nacidos, si le pone allí no con otra necesidad sino por rehusar el trabajo de crialle?"

natural que as lacunas da informação, que, nestes séculos, dificilmente penetrou na intimidade da vida familiar, sejam o traço mais característico das referências à vida infantil. Obviamente, essas lacunas não poderão ser usadas como prova para a suposta "ausência do sentimento da infância"...

Mas, se o relativo silêncio sobre muitos aspectos da vida moral e familiar é um dos entraves principais ao conhecimento das sociedades do passado, ele pode ser olhado, por outro lado, e no caso concreto da educação dos filhos, como um aspecto significativo, não da ausência do(s) facto(s), mas da especificidade da concepção da família e da educação e da relação destas com outros aspectos da vida social e moral do mesmo período. Sendo, aliás, a vida conjugal e doméstica um dos aspectos mais relacionados com a "vida privada" de outrora, é natural que a mesma, com toda a sua carga de "intimidade" e de "óbvio", fosse, segundo estes códigos, o que menos devia transparecer nas relações sociais mais amplas. Já nos referimos à defesa, por Fr. Antonio de Guevara na *Letra para Mosén Puche*, da preservação das fronteiras entre o íntimo e o "público", que voltamos a salientar: "Mostrar el amigo a su amigo el pan, el vino, y el dinero, y el granero, no hay en ello inconveniente ninguno. *En lo que hay inconveniente es en lo que amamos, en lo que queremos y en lo que adoramos, lo cual no sólo se ha de guardar, mas avn absconder y trasponer. El amor y desamor que está en el corazón fixo es necesario que esté cerrado, y muy necesario que esté sellado. Qué guardo yo para quien bien quiero, si a todos digo lo que en mi corazón está escondido? Al que nos ama de corazón, y queremos de corazón, a él sólo, y no a otros, hemos de manifestar el corazón...*"¹⁵.

Esta afirmação (do que hoje diríamos "privacidade") pode ajudar, igualmente - se contextualizada -, à compreensão da concepção da criação e educação dos filhos e, portanto, também da evolução do modo como a mesma foi sendo encarada pelos moralistas e humanistas ao longo do século XVI que, progressivamente, ajudaram a levantar o véu sobre a vida familiar e doméstica que era, também, não o esqueçamos, a primeira "escola" da infância. De facto, este importante e recorrente problema - a infância e a educação infantil - nos textos moralistas do século XVI relaciona-se intimamente com as concepções diferenciadas da vida estritamente familiar - com um funcionamento interno próprio - e da vida "pública" com regras e agentes que não eram, obviamente, os mesmos. Mas depende também de uma mais ou menos difusa oposição entre as

(*Coloquios*, 179). Mais tarde, Gaspar de ASTETE, como veremos (*infra*, segunda parte, cap. X) chamou a atenção para a situação dramática, solitária, destes "filhos" - e só por esses tempos é que eles foram sendo, muito lentamente, objecto de alguma "incorporação" social. Os vários textos deste período que se referiram à educação dos filhos - talvez pela situação social dos seus destinatários - não deixaram transparecer qualquer alusão aos expostos ou, até, aos filhos ilegítimos (aliás, parecem ter evitado qualquer distinção deste tipo...).

¹⁵ *Letra para Mosén Puche*, 383, subl. nosso.

competências do feminino e as do masculino, que remetem para campos e ambientes diferenciados uns dos outros¹⁶.

Todas as obras de que nos vimos ocupando lhes dedicaram alguma atenção. Contudo, nem a forma de abordar o problema, nem a valorização do mesmo foi igual em todas. Há diferenças importantes - por vezes só matizes - a que é necessário dar especial atenção, porque só compreensíveis no contexto dos objectivos dos autores e das respectivas obras.

Convirá, desde já, chamar a atenção para dois dos tipos de obras em que o problema emergiu com especial acuidade nas primeiras décadas do século XVI na Península Ibérica: por um lado, os espelhos de príncipes, continuadores de uma já referida tradição clássica e medieval, que valorizaram, sobretudo, a instrução e formação "literária" e política do príncipe; por outro, alguns "nortes" de estados - particularmente os "espelhos de casados" -, em especial os dedicados às mulheres, que insistiram na educação moral e cristã dos filhos. De um modo geral, estas são as obras que permitem comparar e perceber, com maior clareza, o contexto das referências à educação infantil, embora, no caso dos espelhos de príncipes, esta tenha sido primordialmente encarada desde a perspectiva da formação - literária, moral e, sobretudo, política - do futuro príncipe. E, apesar destes "espelhos" se filiarem na referida tradição medieval - um dos exemplos mais eloquentes é, também sob este ponto de vista, a obra de Egídio Romano e a respectiva *Glosa Castellana*, cuja segunda parte do Livro segundo foi dedicada ao "gobierno de los hijos"¹⁷ -, foram, nos séculos XV e XVI, geralmente produzidos por humanistas, para quem a preocupação pedagógica a par da religiosa foi um dado e um estímulo constantes, vindo solidificar uma imagem das "letras" que não só se não opunham às "armas", como podiam favorecer a própria imagem do príncipe¹⁸.

¹⁶ De facto, reportando-nos a esta época, não se pode facilmente dissociar a imagem da criança do seu lugar na família, portanto, enquanto filho(a), cujos destinos eram traçados de acordo com os objectivos e estratégias da família. Por outro lado, a sua educação e o seu lugar na família estavam marcados também pelo seu sexo, como mais adiante acentuaremos.

¹⁷ *Glosa Castellana al Regimiento de Principes*, Segunda Parte do Livro II, 121-227.

¹⁸ Especialmente exemplificativo deste debate no século XVI é o Diálogo *Princeps Puer* de Luis VIVES (utilizamos a tradução castelhana dos seus *Dialogos y Otros Escritos*, Barcelona, 1988, 107-114). Veja-se, em particular, a fala de Sofóbulo: "Pregunta a los ancianos qué inconveniente les ha molestado más en la vida, de qué omisión se duelen más y se arrepienten más. Todos te responderán al unísono, al menos los que aprendieron algo: el no haber estudiado más (...) no dejarán de decirte que sus padres los habían enviado a escuelas y maestros de letras, pero que ellos habían dejado caer de las manos la espléndida ocasión de aprender cogidos por los vanos placeres, los juegos, la caza o los amores o tonterías de ese estilo..." (*Dialogos*, 113). Sobre a questão do debate em torno das "armas" e das "letras", remetemos novamente para o interessante artigo de P. RUSSELL, "Las armas contra las letras". Para uma visão global dessa articulação das propostas pedagógicas com as religiosas, cf. E. GARIN, *Educazione Umanistica in Italia* e Id., *La Educación en Europa*, esp. 83-170. J.-C. MARGOLIN, "Introduction" à ed. da *Declamatio de Pueris (...)* *Instituendis* de ERASMO, esp. 29-82.

E, não esquecendo que os espelhos de príncipes - que serviam, conseqüentemente, como espelhos de senhores - eram dirigidos expressamente à aristocracia e que os seus modelos educativos estavam, naturalmente, construídos com base no do príncipe, devemos igualmente notar que este modelo ficou claramente enriquecido com o equilíbrio conseguido pelos humanistas entre os modelos da cultura clássica e os modelos cristãos que vimos serem ampliados nos finais do século XV e nas primeiras décadas do século XVI¹⁹.

Estas obras - tal como as dirigidas aos casados e, em particular, às mães - passaram a acentuar, antes de mais - e como o haviam feito, sobretudo, Aristóteles, Plutarco e S. Jerónimo, cujas influências são visíveis em muitas delas²⁰ - o cuidado a ter ao longo da gravidez²¹, com uma correcta amamentação e alimentação do recém-nascido e, portanto, com a escolha da ama; este cuidado era igualmente acompanhado de conselhos às mães no sentido de, na impossibilidade de serem elas a amamentar os filhos, vigiarem os hábitos das amas e a educação moral e religiosa da criança.

Ora, esta crescente preocupação com a formação moral e religiosa dos filhos em geral e dos príncipes em particular só é compreensível tanto no contexto das correntes religiosas reformistas de finais do século XV e inícios do século XVI, como de tendências pedagógicas e humanistas a elas associadas. De facto, o "interesse crescente" pela criança não resultou de uma "descoberta do

¹⁹ Do que resultou, directamente, o modelo do príncipe cristão... Sobre o esforço de "formação" do príncipe cristão no Renascimento, veja-se J. VARELA, *Modos de Educación*, esp. capítulo 2: "Educación y crianza de Príncipes y caballeros" (57-126). A especificidade da "educação" destes grandes senhores está particularmente exemplificada na obra de G. de TEJADA, *Memorial de criança y uanquete para criar hijos de grandes y otras cosas*, Saragoza, 1548, que pretendeu, como o próprio título também indica, educar a "los hijos de señores y hazellos auisados", estando organizada segundo uma "orden" que se deveria ter para se conseguir que fossem "auisados", que soubessem "rezar, oyr missa, saber se vestir", "hazer lo que han de mandar...", etc., tudo "virtudes" que deveriam distinguir os filhos dos senhores. Para uma visão geral dos tratados portugueses sobre a educação dos príncipes e filhos dos grandes senhores, veja-se N. de C. SOARES, *O Príncipe Ideal no século XVI e o "De Regimine Principum" de D. Jerónimo Osório*, Lisboa, 1994.

²⁰ Nomeadamente numa das mais célebres, a *Institutio* de Luís VIVES, que citou frequentemente estes autores, em especial S. Jerónimo (como mostraremos mais adiante). Também ERASMO se serviu abundantemente de PLUTARCO e, através deste, de ARISTÓTELES (cf. J.- C. MARGOLIN, "Introduction" à ed. do *De Pueris Instituendis*, 42 ss.). Outro dos casos mais exemplificativos é o do *Relox* de GUEVARA e o do *Libro Primero del Espejo del Principe Christiano* de MONZÓN. A influência de PLUTARCO neste último foi notada, tanto por M. BATAILLON (*Erasmus y España*, 630: Es un libro agradable, mucho más inspirado en Plutarco y en los moralistas antiguos que en el Evangelio), como por AULOTTE (*La Tradition des Moralia*, 50).

²¹ Embora os conselhos vários às grávidas tenham sido frequentes em muitos textos deste período, um dos autores que lhe deu ênfase especial no contexto de uma visão mais ampla da educação dos filhos foi A. de GUEVARA no *Relox de Príncipes* (esp. caps. IX-XII, fls. 126v-133r). Poucos autores que escreveram pelas mesmas datas terão sido tão minuciosos - excepto, em alguns aspectos particulares, OSUNA - como o Bispo de Mondoñedo.

mundo da infância"²², mas de um *olhar de modo diferente* e com *esperanças diferentes* essa mesma infância e a sua importância na formação do futuro adulto. Cremos ainda que não foi "l'intérêt suscité par l'enfance" que "explique l'attention que les hommes de la Renaissance ont porté aux problèmes de l'éducation"²³, mas justamente o contrário, ou seja, foi a atenção crescente e a valorização da educação em geral - e vimos como esta veio a par com a valorização da família e do núcleo conjugal - que levou os humanistas, pedagogos e moralistas a dedicar uma atenção diferente à infância - mais concretamente aos filhos - e às potencialidades da sua educação. Assim, as perspectivas educativas em relação à infância na primeira metade do século XVI não poderão ser correctamente compreendidas se forem desinseridas de uma contextualização ou de objectivos mais amplos, ou se não se tiver presente que se enquadravam, antes de mais, no ambiente doméstico e familiar.

Ora, a multiplicação, nos fins do século XV e nas primeiras décadas do século XVI, das obras que valorizaram a educação do príncipe, a educação das princesas e grandes senhoras, a educação dos pais e, particularmente, da mãe, a educação feminina em geral, permitiu um novo olhar e, logo, uma diferente atenção em relação à educação infantil - uma educação mais literária e política para o príncipe, uma educação mais moral e religiosa para os filhos em geral -. Entre essas obras, merecem, já o dissemos, um lugar de destaque as de alguns humanistas italianos²⁴, que veremos citadas e utilizadas por muitos humanistas peninsulares. Um texto dos mais significativos dessa nova orientação - especialmente por ser um dos primeiros no século XV, por se dever a um humanista, e pela sua posterior influência em outros humanistas - é-nos fornecido pelo já referido *De Re Uxoribus* (1415-16) de Francesco Barbaro: uma obra que se centrou, sobretudo, no comportamento moral e conjugal da esposa e que dedicou o último capítulo à educação dos filhos, considerada "*pars uxorii muneris fructuosa et longe gravissima*"²⁵ - uma educação concebida, antes de

²² É esta a perspectiva de A. REDONDO, *Antonio de Guevara*, 631, que retoma, no essencial, as conclusões da já referida obra de P. ARIÈS, *L'Enfant et la Vie Familiale*. Para A. REDONDO, "cette découverte du monde de l'enfance, que s'est faite progressivement, est allée de pair avec une affirmation de l'individualisme" (*Fr. Antonio de Guevara*, 631).

²³ A. REDONDO, *Antonio de Guevara*, 631.

²⁴ De facto, as obras pedagógicas de vários humanistas italianos (v., em particular, E. GARIN, *Educazione Umanistica*, em que transcreve partes das obras pedagógicas de Maffeo VEGGIO, Pier Paolo VERGERIO e outros) vieram acentuar a importância da educação infantil, a vários níveis, pelo que os seus objectivos foram marcando, em diferentes momentos, as referências à infância e ao seu lugar na família e na sociedade (cf. *infra*, notas 34, 35 e 36). Assim o mostrou, exemplarmente, o *De Re Uxoribus* de Francesco BARBARO.

²⁵ Francesco BARBARO, *De Re Uxoribus*, 124. Importante, para o nosso ponto de vista, é ainda a sua afirmação de que "postquam ex infantibus excesserint, ut animi et corporis dotibus excellent, ingenium, curam, operam, matres impendant. Primum in Deum ipsum immortalem, in patriam, in parentes pietatem doceant, ut eam quae ceterarum virtutum firmamentum est a primis delibare annis assuescant.." (*De Re Uxoribus*, 130).

mais, no contexto da unidade conjugal e da vida doméstica e que não partilhou, melhor, não acentuou as perspectivas pessimistas anteriores como a que transmitira o já referido *De Remediis* de Petrarca.

Mas esta crescente valorização, a diversos níveis, da educação moral e religiosa dos filhos - também testemunhável na Península Ibérica nos finais do século XV e no século XVI (como o seria no século XVII) - deverá ser enquadrada, antes de mais, no contexto das preocupações e acções de reforma religiosa que surgiram ao longo do século XV e que foram decisivas, sobretudo, no século XVI, como o ilustram alguns textos de Gerson (1363-1429): um autor cuja influência no pensamento religioso do século XVI é bem conhecida²⁶ e que escreveu várias obras "pedagógicas"²⁷, entre elas um tratado *De parvulis ad Christum trahendis* (1406), no qual concebeu a educação infantil e juvenil no contexto de reforma religiosa e moral: "Prima consideratio erit de parvulis quanta necessitate cum sui et Ecclesiae utilitate vaniant ad Christum. Secunda consideratio loquetur de scandalizantibus parvulus, dum eos variis modis non sinunt venire ad Christum. Tertia subjungitur de laudabili studio eorum qui reducunt parvulos ad viam quae ducit ad Christum. Quarta ponetur apologetica pro baculo meae defensionis, et simul exhortabitur parvulos per me indignum ad Christum venire"²⁸. Neste contexto, é significativo que tenha valorizado - fortalecendo a sua importância moral e social - as funções educativas e moralizadoras da família - consequentemente, dos pais: "Quod si juxta deductionem hanc, reparatio Ecclesiae et ejus cultura initianda esset a parvulis (...). Esse quoque poterunt aliorum doctores instructoresque commodissimi, maxime domesticorum"²⁹.

Estas preocupações de Gerson seriam, naturalmente, partilhadas por outros autores posteriores, religiosos, humanistas e moralistas.

Na Península Ibérica - que, como em outros domínios, e apesar da especificidade de muitos textos e orientações, não ficou alheada tanto das correntes pedagógicas como das pastorais - e, ainda no século XV, é igualmente visível esta orientação no *Luzero de la Vida Cristiana*, cujo autor, depois de ter acusado os cristãos de, ao contrário de judeus e mouros, não ensinarem os fundamentos da religião cristã aos filhos, o apresentou como um "memorial" para que "los fieles simples e ignorantes pudiessen facilmente ser informados y enseñados. y los niños por el sancto baptismo sanctificados: *fuessen en su tierna*

²⁶ Cf. J. DELUMEAU, *La Civilisation*, 422 ss. Lembremos aqui que o *Carro de las Donas* colocou entre os "tres testigos que en esto dela criança delos hijos hablarian bien", precisamente, GERSON: "El primero es el bien aaventurado sant hieronimo: el segundo es el santo papias obispo de hierusalem: y el deuoto y gran doctor juan jerson chanciller de parys" (*Carro*, fl. xii v.).

²⁷ Cf. J. GERSON, *Oeuvre Pédagogique* in *Oeuvres Complètes*, Paris, vol. IX 669-686,

²⁸ GERSON, *De Parvulis ad Christum Trahendis*, in *Oeuvre Pédagogique*, esp. 670.

²⁹ *De parvulis*, 672.

hedad instruydos enla catholica doctrina..."³⁰ - um rumo que as doutrinas cristãs e os catecismos não deixariam de explorar ao longo do século XVI... Especialmente exemplificativo, na primeira metade do século XVI português, é o já citado *Insino Cristão* (1539), cujo autor afirmou que a "terceira causa" que o levou a fazer a obra "foi veer quomo ha maior perdiçaam dos bõos e virtuosos costumes começa por os casados se descuidarem do virtuoso e cristão insino de seus filhos"³¹; por isso, o seu objectivo fundamental terá sido o de "fazer este insino cristão pera limpeza e virtude destas fontes [casados]: para que hos que am de casar estem insinados en ha virtude conforme a seu estado: e *insinem assi seus filhos quando lhos deos der...*"³².

Naturalmente, este privilegiar do núcleo doméstico para o ensino cristão, que vimos exemplarmente evidenciado por Gerson e veremos progressivamente acolhido por humanistas e moralistas peninsulares do século XVI, viria a ter como consequência uma redefinição das fronteiras entre as funções educativas dos pais - muito particularmente da mãe - e as dos aios e "mestres", sobretudo em relação à primeira infância. Além disso, essa revalorização foi conferindo à vida familiar uma importância decisiva também para a vida social. O acentuar da harmonia dos cônjuges e das solidariedades no contexto da "casa" arrastou consigo um reconhecimento da educação e formação - nomeadamente moral e religiosa - dos filhos como um estádio essencial *da e para a* "harmonia social".

Neste contexto, adquirem um significado particular (pela diferente "funcionalidade") as edições e a circulação - simultaneamente motivadas e acompanhadas de uma revalorização - de algumas obras de autores clássicos, como Plutarco (melhor, Pseudo-Plutarco) e Quintiliano³³, bem como a "assimilação" das mesmas por alguns humanistas preocupados com as reformas pedagógicas - nomeadamente italianos (entre eles Pier Paolo Vergerio³⁴, Maffeo Vegio³⁵, entre outros³⁶) e peninsulares, como Antonio de Nebrija³⁷ -; mas não

³⁰ *Lucero*, fl. ij v., subl. nosso.

³¹ *Insino Christão*, fl. iij r. e v.

³² *Insino Christão*, fl. iij v., subl. nosso.

³³ Em particular, o *De liberis educandi* do primeiro (cf. *Oeuvres Morales*, 1-30 e D. FAURE, *L'Éducation selon Plutarque d'après les Oeuvres Morales*, esp. I, 108-10) e as *Institutiones Oratoriae* do segundo (ed. bilingue, Paris, 1975, 2 vols; cf. J.-C. MARGOLIN, "Introduction" ao *De Pueris. Instituendis* de ERASMO). Lembremos que os *Moralia* de PLUTARCO foram traduzidos para castelhano por Diego GRACIAN e editados em Alcalá de Henares em 1548.

³⁴ Pier Paolo VERGERIO (1370-1440) foi autor da obra *De ingenuis moribus et liberalibus studiis adolescentiae* (c.1400-1402), famosa ao seu tempo e mandada traduzir pelo Infante D. Pedro, tradução essa feita por Vasco Fernandes de LUCENA (cf. J. de CARVALHO, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XV*, Coimbra, 1949, 158).

³⁵ Maffeo VEGIO (1407-1458) escreveu a conhecida obra *De educatione liberorum et clariorum moribus* por volta de 1445-1448 e dela foi feita uma tradução para castelhano ainda no

podemos, igualmente, esquecer que a re-leitura daqueles clássicos por humanistas e moralistas, incluindo espanhóis e portugueses, dos finais do século XV e da primeira metade do século XVI foi quase sempre conciliada e articulada com a re-leitura dos autores cristãos que se debruçaram sobre o mesmo problema, como S. João Crisóstomo - que também escrevera uma obra sobre a educação dos filhos³⁸-, S. Jerónimo³⁹ - especialmente a sua *Carta a Leta* - e, no século XV, especialmente Gerson⁴⁰, autores essenciais, todos eles e apesar da orientação particular de cada um, para se compreenderem as focalizações de várias obras, tanto de "grandes" humanistas como Erasmo⁴¹ e Luis Vives⁴², como de todos os autores peninsulares de diferentes formações, desde Fr. António de Guevara a Fr. Pedro de Santa Maria e a muitos outros (também do século XVII, como veremos).

Naturalmente, e dada a comunhão de muitas preocupações comuns, a coexistência e, por vezes, conciliação ou articulação das obras dos diferentes autores era inevitável, já que permitiam estabelecer uma íntima correspondência entre o acentuar dos objectivos literários e morais de uns e religiosos de outros. Essa articulação é bastante notória nos textos "pedagógicos" e catequéticos, produzidos ou que circularam na Península Ibérica, que se debruçaram sobre a

século XV. Veja-se a pequena antologia da obra in E. GARIN, *Educazione Umanistica*, 52-59. Sobre os conselhos às mães nesta obra, veja-se M^a L. LENZI, *Donne e Madonne*, esp. 94-99.

³⁶ Nomeadamente Leon-Battista ALBERTI com *I Libri della Famiglia*; Mateo PALMIERI, com a sua *Vita Civile* (1430); Leonardo BRUNI, com o *De studiis et litteris liber* (c.1422-1429); Enea Silvio PICCOLOMINI, com o *De educatione liberorum* (c. 1450); Antonio de FERRARIS, com o *De Educatione* (1504), etc. Veja-se G. B. GERINI, *Scrittori Pedagogici*; E. GARIN, *Il Pensiero Pedagogico* e Id., *Educazione Umanistica in Italia*; F. BATTAGLIA, *Il Pensiero Pedagogico del Rinascimento*; M^a L. LENZI, *Donne e Madonne*.

³⁷ Em especial com o seu *De liberis educandis libellus*. Veja-se a edição e tradução (com o título de *La Educación de los Hijos*) deste opúsculo feita por L. ESTEBAN y L. ROBLES, Valencia, 1981, edição que aqui utilizamos. Como notaram estes autores na "Introducción" (esp. 157) a esta edição, "la obra es mera compilación de textos clásico-greorromanos sobre la educación", em especial de PLUTARCO, ARISTOTELES e QUINTILIANO.

³⁸ Utilizamos aqui a tradução da obra *De la vanagloria y de la educacion de los hijos*, in *Obras de S. Juan Crisostomo - Tratados Ascéticos*, Madrid, 1958, 762-809.

³⁹ Este Padre, como é sabido e como acentuaremos mais adiante, contribuiu decisivamente para a orientação das perspectivas, em particular, sobre a educação moral das meninas, nomeadamente com a sua epístola a Leta, muito divulgada nos séculos XV, XVI e XVII. Este aspecto será desenvolvido mais adiante, a propósito da "educação das filhas".

⁴⁰ Cf. art. "Gerson" in *D. T. C.*, vol. 8, col. 1313-1330 e J. DELUMEAU, *La Civilisation de la Renaissance*, esp. 422-3.

⁴¹ Nomeadamente no *De pueris instituendis* (1^a redacção c. 1506-1509) e, em alguns aspectos, no colóquio *Pietas Puerilis*. Sobre as ideias pedagógicas de Erasmo, v., em particular, além da "Introduction" de J.-C. MARGOLIN ao *De Pueris Instituendis*, F. BIERLAIRE, *Les Colloques d'Érasme*.

⁴² Cf. A. BONILLA, *Luis Vives*, esp. 479-570 e F. de URMENGA, *La Doctrina Psicologica y Pedagogica de Luis Vives*, esp. 209-408.

vida familiar e social - incluindo, obviamente, o "económico" -, quase sempre devidos a humanistas e religiosos preocupados com a articulação destas com a vida cristã, pelo que nos fornecem informações preciosas sobre a percepção do lugar que devia ou podia ocupar a educação dos filhos no contexto desses objectivos - e, eventualmente, o relevo a conferir à mesma. E é, justamente, na ausência ou no relevo das referências à educação infantil que as diferenças são mais significativas.

Não podemos, contudo, esquecer que os primeiros destinatários de grande parte destas obras eram os príncipes e grandes senhores. Portanto, os contextos dessa educação estavam determinados pelos meios e pelos métodos de que, tradicionalmente, dispunha ou a que recorria a nobreza. Mas esses meios e esses métodos também foram sendo, ainda que lentamente, adaptados às "novas" prioridades e às "novas" orientações da acção educativa (no seu mais amplo sentido, que inclui o pedagógico, o moral, o catequético...).

A título exemplificativo e revelador dos diferentes - e progressivos - modos de olhar a educação dos filhos na aristocracia, chamaremos a atenção - em termos comparativos - para uma passagem da *Avisación*, de Fr. Hernando de Talavera, *sobre cómo se ha de ordenar el tiempo para que sea bien expendido* (1496), contrapondo-lhe vários dos textos que, ao longo do século XVI, foram valorizando certos aspectos e modos da educação dos filhos: em particular, a *Instrucción de la Mujer Cristiana*, o *Relox de Principes*, o *Norte de los Estados*, o *Libro Primero del Espejo del Principe Cristiano*, entre outros.

Tomamos como ponto de partida - porque permite, como dissemos, compreender não só alguns aspectos da visão da relação entre vida familiar e vida cristã por parte de alguns religiosos, mas também as mudanças de rumo, ainda que lentas, na visão da educação infantil aristocrática - a já citada *Avisación*, de Fr. Hernando de Talavera, a D. María Pacheco, condessa de Benavente, na qual está proposto - e exemplificado - um modo de "ordenar el tiempo para que sea bien expendido", uma espécie de modelo prático, apoiado em algumas propostas concretas, colocado ao dispor desta grande senhora para que pudesse "cada día ordenar é ocupar" - notemos o qualificativo - "bien su tiempo". De acordo com este objectivo final, esta *Avisación* pretendeu, como vimos, fornecer a D. María Pacheco (uma senhora casada) uma espécie de guia para a ocupação do seu tempo de acordo com a divisão das tarefas ao longo do dia, permitindo-lhe explorar, na medida do possível no seu grupo social, alguns momentos de "liberdade" resultantes do cumprimento de algumas tarefas domésticas essenciais que, tradicionalmente, lhe estavam atribuídas. Mas o que nos interessa especialmente aqui é o lugar - e também o tempo - que, nesta distribuição das ocupações, o autor considerou dever ser dedicado aos filhos: só ao fim da tarde, depois de "praticar un rato con vuestro mayordomo de lo que conviene al buen regimiento é provisión de vuestra familia é hacienda" e de

andar "un poco por la casa"⁴³, foi incluída a visita aos filhos: "Dénde ver vuestros hijos é haver con ellos consolación, é *darles alguna dotrina buena* que mamen en la leche y se críen y crescan con ella"⁴⁴.

Apesar de ter apontado para uma certa responsabilidade educativa da mãe, este texto ainda não deu um realce especial (sobretudo, se tivermos em conta a globalidade dos conselhos) à educação dos filhos no contexto da família (entendida aqui no seu sentido restrito). Tal facto afigura-se-nos ainda mais significativo se se tiver em conta o contexto aristocrático da criação e educação infantil - uma criação e educação em que os pais pouco intervinham (e também não eram chamados a intervir) directamente, já que a mesma dependia - e, na prática, continuaria a depender... - directamente de amas, aios e mestres especialmente escolhidos para tal. Naturalmente, a ausência de referências mais extensas à educação - num sentido amplo - dos filhos neste texto não nos permite concluir pela sua ausência. Mas permite ver que a acção educativa e a vigilância materna (ou, eventualmente, paterna) foram pouco exaltadas, ao contrário do que testemunhariam muitos textos do século XVI.

Assim, a importância da referência, aqui, a este texto reside, essencialmente, no facto de permitir, *simbolicamente*, confrontar a atenção, o lugar e o peso - que ajudam à percepção da valorização - dado à educação infantil - conviria acentuar doméstica e aristocrática - ainda nos finais do século XV e a que seria dada na primeira metade do século XVI.

De facto, se ao breve conselho de visita, por D. María Pacheco, aos seus filhos contrapusermos os insistentes conselhos que foram sendo dados por muitos autores posteriores às mães para que vigiassem e contribuíssem para a criação e educação dos filhos, se notarmos o quanto os critérios da escolha das amas foram minuciosamente explicados, se atentarmos no espaço que a escolha de aios e mestres passou a ocupar nos textos sobre a educação dos filhos, particularmente da nobreza, seremos obrigados a reconhecer que esta questão adquiriu, ao longo do século XVI, tonalidades particulares que, conjugadas com outras questões importantes - entre elas, a afirmação de uma espiritualidade do casamento -, podem revelar significados culturais interessantes.

Naturalmente, o olhar prioritário - na dependência directa dos modelos de educação dos príncipes - sobre a educação dos filhos dos nobres determinou muitos traços dos modelos educativos do século XVI. Mas o acento que, cada vez mais, viria a ser posto na urgência de uma mais cuidada educação dos filhos em geral acabaria, igualmente, por influenciar as lentas, mas decisivas, mudanças de rumo nesses mesmos modelos ao longo do século XVI. Lembremos aqui, a título de exemplo - mas um exemplo muito especial -, o modo como Antonio de Nebrija começou o seu *De Liberis Educandis Libellus*, dedicando-o a Miguel Almazán, secretário do rei D. Fernando: "...inter alia quae

⁴³ *Avisación*, 103.

⁴⁴ *Avisación*, 103.

pro tua humanitate atque prudentia quadam ingenita mecum es commentatus, illud quoque adiecisti, tibi maximae esse curae, id quod plerique omnes parentes fere negligunt, quibus institutis et artibus, qua via, qua ratione, quo ordine liberos tuos erudire posses. Aiebas namque inanes esse parentum cogitationes si in eo laborent, ut amplissima rei familiaris posteritati suae fundamenta iaciant, quibus vero ea comparantur filiis quales futuri sint non curent..."⁴⁵. Mesmo sem deixar de ter presente o contexto particular das orientações dos humanistas em relação à educação em geral, importa salientar neste pequeno texto a insistência na formação dos filhos em particular, traduzida na atribuição um peso decisivo não só na sua vida futura, mas também na da sua família. Não terá sido arbitrária a decisão de começar a obra com considerações sobre "Ex quali foemina liberi procreandi..."⁴⁶ e de tratar, quase de seguida, da importância do aleitamento materno⁴⁷. Significativa é, igualmente, a sua afirmação de que "Cum igitur institutum opus eo tendat ut ex pueris bonos sapientesque viros efficere possimus, sic litterarum ratio habenda est, ut *mores non negligantur*. Quamobrem in hac consideratione quasi duobus his pedibus ingrediendum nobis est, ita tamen, ut si alterutrum simul effici non possit, *morum ratio semper anteponatur*"⁴⁸.

Estas curtas passagens do texto - que se poderiam completar com outras que acentuaram os deveres dos pais, nomeadamente os grandes senhores, de seguirem de perto, na medida do possível, a educação dos seus filhos⁴⁹ - evidenciam já um acento muito especial tanto no contexto doméstico como na dimensão "moral" da educação dos filhos, assumidamente quer na linha das propostas de Plutarco e de Quintiliano⁵⁰, como na de humanistas italianos do século XV⁵¹. E este facto é tanto mais significativo neste texto do início do século XVI - e, precisamente, de um grande humanista peninsular - quanto caracteriza já, em grande medida, a mudança de rumo que que falámos mais atrás.

⁴⁵ NEBRIJA, *De Liberis Educandis*, 72 (dedicatória).

⁴⁶ *De Liberis Educandis*, 78-85.

⁴⁷ *De Liberis Educandis*, 98-103.: "quod infans a matre potius quam ab alia nutrice ali debeat". Cf. esp. pg.100: "Quid quod matres quae partus suos deserunt, alienisque nutriendos tradunt. vinculum illud coagulumque cognati amoris atque pietatis interrumpunt? Nam ubi infans alio ablegatus est, vigor ille materni ardoris paulatim vestinguitur".

⁴⁸ *De Liberis Educandis*, 120, subl. nosso.

⁴⁹ *De Liberis Educandis*, 126: "Quare eligendus tibi est liberorum pedagogus, ita tamen ut non continuo omnem curam in illum reicias, sed quemadmodum ille pueris, sic tu illi quid sit agendum imperes. Nam si tu cuius de re agitur negligens fueris multo negligentius ille cum pueris aget".

⁵⁰ *De Liberis Educandis*, esp. 126 ss. As referências a ARISTÓTELES e PLATÃO são, também, muito frequentes, como, aliás, acentuaram os editores da obra na "Introducción", esp. 57.

⁵¹ Lembramos novamente que a primeira redacção do *De Pueris Instituendis* datará dos primeiros anos do século XVI. Cf. *supra*, nota 41.

Ora, esta mudança de rumo - para que contribuiu decisivamente todo o esforço educativo, a vários níveis, dos humanistas europeus (logo, também dos peninsulares) - encontrou um apoio e um estímulo decisivos nas "novas" concepções do casamento e da educação feminina. Sob este ponto de vista, a *Institutio Foeminae Christianae* de Luis Vives apresenta-se como um exemplo privilegiado - um dos primeiros, mas não único, como veremos - da confluência dessas orientações e preocupações complementares, não tanto pela "novidade" (como vimos, muito relativa) da sua concepção da educação feminina, como, sobretudo, pelo modo como trabalhou propostas anteriores e lhes deu uma ordenação mais articulada e mais coerente. Por exemplo, não foram "novos" os seus conselhos relativos às vantagens do aleitamento materno; mas o modo como os contextualizou e os fez funcionar na sua concepção do casamento e da vida familiar contribuiu também para a redefinição dos papéis femininos no espaço doméstico e para a explicação da importância da educação dos filhos. Especialmente ilustrativa é esta exclamação de Vives: "Yo no quiero, ¡oh madres!, que ignoréis que la responsabilidad de que haya malos hombres recae en su mayor parte sobre vosotras..."⁵².

Mas o humanista valenciano não se ficou pela afirmação da importância e da superioridade da amamentação materna⁵³, ainda que lhe tenha dado especial relevo; a sua atenção incidiu, sobretudo, nos cuidados e na severidade com que a mãe cristã - Vives insistiu neste qualificativo - devia vigiar o comportamento e as atitudes do filho: "Jamás por jamás la madre cristiana que yo hubiere formado celebrará en el niño con un golpe de risa o una mirada de aprobación dicho o hecho atrevido, malo, procaz, petulante"⁵⁴. Assim, a preocupação de Vives não se centrou tanto nos cuidados físicos - aqueles a que, à partida, todas as mães estariam mais atentas - mas na formação moral, considerando que "la madre discreta no deseará a su hijo más placeres que virtud, más riquezas que doctrina, que buen nombre, no una vida sin honor antes que una muerte con honra". Consequentemente, as atitudes da mãe em relação aos filhos nunca deveriam revelar fraquezas, como as que se manifestariam quando deixava vislumbrar o seu amor por eles. Vives não condenou esse amor, antes o aconselhou: "amen a sus hijos enhorabuena como es justo que los amen; ámenlos ternísimamente"; mas, por outro lado, também recomendou: "disimulen este amor porque no tomen licencia de obrar como les dé la gana, ni su amor les impida apartar del vicio a los muchachos mediante castigos, llantos e lágrimas, y

⁵² VIVES, *Formación*, 1143.

⁵³ *Formación*, capítulo XI, 1141 ss., quando falou "De los hijos y del cuidado que de ellos debe tener".

⁵⁴ *Formación*, 1142.

que con la austeridad del mantenimiento y crianza el cuerpo y el alma se fortalezcan más y más"⁵⁵.

Esta preocupação de Vives com o controlo do comportamento dos filhos - semelhante ao que já defendera em relação às mulheres - levou-o a favorecer uma tendência pedagógica "rigorista" que insistia na necessidade da severidade - que se podia traduzir no castigo físico e/ou psicológico - como meio eficaz para esse controlo. Defendeu expressamente que "hay que frenar la edad primera de los hijos y *cohibirla con la severidad de una estrecha disciplina*, no sea que por sobrada libertad resbale hacia unos vicios de los cuales luego será harto costoso retirarlos, y no se ha de apartar la vara de las espaldas del muchacho..."⁵⁶ - uma severidade igualmente, ou principalmente, válida para as filhas⁵⁷.

Mas, como dissemos, Vives não foi o único autor peninsular a dar uma especial atenção à educação infantil a partir dos primeiros tempos de vida, senão pelos pais, pelo menos sob a sua permanente vigilância. Poucos anos mais tarde, Fr. Antonio de Guevara, no *Relox de Principes*, veio também a insistir nos mesmos aspectos, apelando às princesas e grandes senhoras para que vigiassem e intervissem mais directamente na educação dos seus filhos, denunciando, assim, que a influência dos já referidos autores clássicos e humanistas se começava a fazer sentir entre nós. De facto, Guevara começou a tratar do problema no cap. XVIII: "Que las Princesas, y grandes señoras, pues Dios les dio hijos no deuen desdeñarse criarlos a sus pechos"⁵⁸, confessando no fim ter seguido "lo que dize el gran Plutarco, de quien saquè todo lo mas deste capitulo..."⁵⁹.

Tendo em conta a contextualização e filiação literária deste "relógio" de príncipes, o significado dos conselhos relativos à educação infantil é ainda mais sugestivo, na medida em que os "regimentos de príncipes" anteriores - e que influenciaram a organização deste "relógio" - não haviam, sequer, aludido à amamentação e à educação materna do príncipe, não referindo - logo, não aconselhando - qualquer intervenção feminina, tudo atribuindo à responsabilidade masculina (pai e rei). Assim aconteceu com a "Segunda Parte" do "Libro Segundo" da *Glosa Castellana al Regimiento de Principes* que deixou

⁵⁵ *Formación*, 1143, subl. nosso. Vives, talvez para ser mais persuasivo, serviu-se do próprio exemplo de sua mãe: "Madre ninguna amó con mayor ternura a su hijo que la mía me amó a mí. Y ningún hijo más que yo se sintió menos amado de su madre. Casi nunca me sonrió; nunca se mostró indulgente. Y con todo, en una ausencia mía de la casa por tres o cuatro días, ignorante ella de mi paradero, cayó en un gravísimo accidente, y vuelto a casa no conocí que hubiese sentido mi soledad..."

⁵⁶ *Formación*, 1145, subl. nosso.

⁵⁷ Veja-se, *infra*, "A educação das filhas".

⁵⁸ *Relox*, fl. 147r.

⁵⁹ *Relox*, fl. 131v.

em silêncio uma eventual presença da mãe ou, até, conselhos para a escolha da ama⁶⁰. Mesmo o *Espelho de Cristina* - um espelho de princesas com traços bastantes modernos, para a época -, embora tenha aconselhado o apoio da princesa à educação dos filhos, ainda concebeu esta, de certa forma, como algo que não lhe pertencia directamente: "E ha natureza das madres he comunalmente mays jnclinada ao esguardo de seus fylhos deue seer muyto auysada em todo o que lhe perteeçe. E mays ao que toca aa ensinança de boõs costumes que aa governança do corpo. E assy a ssages prinçesa auera cuydado de *ordenar quem delles aja a governança* e como elles faram (...) seu deuer (...) ella mesma os uysytara ha meude em suas cameras e os vera lançar e leuantar..."⁶¹ - mais acompanhamento da acção dos outros do que orientação directa...

Mas Guevara, apesar de ter começado pelo referido apelo, também reconheceu que o mesmo não teria uma aceitação prática entre as suas destinatárias, já que "si las Princesas, y grandes señoras cada vna dellas quisiesse criar a su hijo, escusaria yo el trabajo de darles consejo..."⁶² - uma visão algo "desencantada" que Fr. Diego Ximenez viria a retomar e radicalizar no seu *Enchiridion* (1557): "Una cosa me parece acerca desto no bien hecha, que es no criar las madres a sus pechos los hijos: pero porque *se que no se ha de enmendar*, no traygo las razones para mostrar ser mal hecho"⁶³.

Contudo, Guevara não quis fazer desse facto impedimento para insistir na importância - física e afectiva - da amamentação materna e, na impossibilidade desta, da criteriosa escolha da ama, considerando que "de buena razon en mas ha de tener la muger el tesoro de sus entrañas, que no el tesoro de las Indias..."⁶⁴, pelo que estes capítulos do seu *Relox* devem ser incluídos na vastíssima literatura em torno da alimentação das grávidas, das amas e dos filhos que não pararia de crescer ao longo dos séculos XVI e XVII e à qual o próprio

⁶⁰ *Glosa Castellana*, 121-227. Embora nos primeiros capítulos desta segunda parte tenha começado por aconselhar "Cómo los padres deven ser muy acuciosos de sus fijos" (Capítulo I) e "Que mucho conviene a los reyes ser acuciosos en el regimiento de sus fijos" (Capítulo II), apenas se dirigiu genericamente aos "padres" e, por vezes, ao pai, ou mais concretamente aos reis, para que vigiassem a educação do príncipe, não mencionando qualquer função materna ou critérios na escolha da ama.

⁶¹ *Espelho de Cristina*, fl. xij v., subl. nosso. Apesar de alguns conselhos mais concretos, a sua acção era sobretudo indirecta - e como tal aconselhada: "E assages senhora que os amara sera delygente de os fazer ensynar primeiramente ha servir deos desy a outras scyencias. E o meestre auera bom cuydado de os fazer leer aas horas conuinhavees (...) E mandara que quando elles forem em ydade comprida que elles sejam amoestados nas cousas do mundo..." (fl. xij v.). Não deixou, contudo, de lhe sugerir uma presença vigilante e norteadora: "mandara que seus fylhos lhe sejam trazydos ameude e ella esguardara seus costumes e seus geytos e reprendelos asparamente no que for de reprender e farfa temer ha elles de guysa que lhe ajam reuerença e lhe façam honrra..." (fl. xij v.).

⁶² *Relox*, fl. 152r.

⁶³ *Enchiridion, o Manual*, fl. cxlv r., subl. nosso.

⁶⁴ *Relox*, fl. 152r.

Erasmus dedicou parte de um dos seus colóquios⁶⁵. De facto, as referências aos cuidados a ter com a alimentação da grávida e, depois, com o filho foram-se multiplicando nas várias obras que se debruçaram sobre este problema⁶⁶.

Mais uma vez, o *Norte de los Estados* de Osuna se apresenta como uma fonte privilegiada, porque reveladora das preocupações - e superstições, algumas das quais Guevara criticara⁶⁷ - dos esposos e pais desses tempos. Tendo ido "Villaseñor" procurar "El Auctor" a fim de ser informado "en lo que (me) cumple hazer con el niño" que sua mulher ia dar à luz, a resposta deste não foi simples, antes dividida em três momentos: "La respuesta requiere tres partes: en la primera diremos lo que a ti conuiene hazer: y en la segunda lo que a de hazer tu muger: y en la tercera lo que conuiene al niño"⁶⁸. E foi de acordo com estes três tipos de situações e problemas que referiu os cuidados a ter com o relacionamento com ela, evitando-lhe todos os perigos e preocupações⁶⁹, as

⁶⁵ Foi o colóquio *Puerpera*, entre Jocundo e Sofia, que mostra também a atenção de ERASMO a todos os grandes temas e problemas do seu tempo.

⁶⁶ De entre os "grandes autores, o destaque vai, como é óbvio, para VIVES e ERASMO, mas também para OSUNA e GUEVARA. Naturalmente, os conselhos relativos à alimentação das grávidas e das crianças parecem ter-se baseado tanto num saber comum como nos conselhos e nas correntes médicas mais divulgados. Relativamente aos cuidados que as mães costumavam ter com as crianças e a alguns conselhos médicos nesse âmbito, ERASMO foi, no *De Pueris Instituendis*, bem explícito: "Habetur interim et lactis et ciborum et balneorum et motus ratio, quibus prosperam corporis valetudinem pueris parari multis voluminibus medici docuerunt, nominatim autem Galenus..." (*De Pueris Instituendis*, 382-3). Cf., igualmente, Pedro de LUJAN, *Coloquios Matrimoniales*, 195 ss.

⁶⁷ GUEVARA tratou com algum pormenor, no *Relox*, a questão da escolha da ama conforme as qualidades nela esperadas, nos capítulos XX, XXI, XXII e XXIII. Apesar de só este último se debruçar explicitamente sobre "muchas hechizarias, y supersticiones que vsavan los antiguos en el dar a mamar a sus hijos, de los cuales se deuen guardar los buenos Christianos" (fl. 158r. e v.), os capítulos anteriores são ricos em observações em torno de algumas crenças, como a da escolha da ama, ou seja, do leite, de acordo com as características físicas e psicológicas da criança, de que é exemplo a seguinte passagem: "...deuen las Princesas, y grandes señoras saber, y conocer las complexiones de sus criaturas, para que conforme a ellas les busquen las amas, conuiene à saber, si el niño es colerico, ò es flèmatico, ò es sanguineo, ò es malencolico, tal sea la leche que le procure la madre" (*Relox*, fl. 154r).

⁶⁸ OSUNA, *Norte*, fl. o v r.

⁶⁹ *Norte*, fl. o v : "A ti conuiene agora seruir a tu muger: y guardalla de todo peligro: que no le dexes poner fuerça en cosa ninguna: ni le niegues cosa que demandare: ni permitas que resciba enojo de cosa que sea: y esto se podra hazer ordenando tu casa: de manera que a la muger no le quede si no la rueca, y el aguja..."

atitudes, sobretudo religiosas, da esposa⁷⁰ e, finalmente, a criação e educação do filho desde a primeira infância⁷¹.

Começando, tal como haviam feito Vives e Guevara, pela afirmação da necessidade da amamentação materna para a solidificação do amor entre mãe e filho⁷² e para a saúde física deste⁷³, este franciscano foi, contudo, mais longe que aqueles, já que aconselhou "Villaseñor" - quando pai - a que, a par do "aviso de buenas costumbres", tivesse "cargo de le hazer luego bezar leer y escreuir muy bien: y porque mientras es muy niño tenga en que passe tiempo alegremente haze le vn juego que pone Quintiliano (...). Desta manera aprendera el niño por via de juego a conoscer las letras: y a juntarlas: y a de letrear: y ajuntar las partes: y avn a leer dentro en casa (...). Sin costa ni pena aprendera el niño desta manera a ser estudioso: y amara el yugo del saber: dende los pechos de su madre: y desque sea mayostillo (sic) ponlo con buen maestro que le muestre bien leer: y escreuir y buenas costumbres..."⁷⁴. Também dirigiu alguns conselhos particulares, embora indirectamente, às mães, a quem competiria, segundo "El Auctor", uma atenção e um cuidado especiais no ensino da linguagem (cuidados que os regimentos de príncipes atribuíam às amas): "Pues quando la madre propia cria el niño a de parar mientes que no le beze palabra deshonesta en

⁷⁰ *Norte*, fl. o v v.- o v j r: "A las mugeres que estan en su mes dizen que es bueno vn poco de exercicio: y no veo otro mejor que yr a missa cada dia: y mire que es obligada a confessar y comulgar: pues que el parto es negocio tan peligroso: y tambien se aparege a pasciencia: y aprenda las palabras que a de dezir al tiempo delos dolores (...). Tambien es muy saludable cosa inuocar entonces a nuestra señora..."

⁷¹ *Norte*, fls. o iij v. e ss.

⁷² *Norte*, fl. o vij v.: "Ningun sabio dio por consejo que al niño se le busque ama mientras esta buena su madre (...). El poco amor que las mugeres presumtuosas tienen a sus hijos procede de no los auer criado a sus pechos: y por tanto no se marauillen si sus hijos las aman poco: pues deuen tambien amor a quien les dio leche: y como aqueste officio sea de madre: menester vuieron quitar del amor que a su madre auian de tener: para dar al ama que les crio: en tal manera que aman mas a su ama que a su madre: y no solo este mal si no que pierden la obediencia a sus padres..."

⁷³ *Norte*, fl. o vij v.: "...aquella leche [de la madre] es dela criatura que le sabra mejor (...) ningunos pechos agradan tanto al niño como los de su madre: ni le hazen tan presto medrar: *porque estos solos le conseruan y crian la condicion natural...*" (subl. nosso).

⁷⁴ *Norte*, fl. o viij v. Notemos que, para este franciscano, este ensino deveria ser acompanhado da doutrina cristã e de algumas práticas ascéticas: "As tambien de acostumbrar primeramente a tu hijo en todos los mandamientos de dios: enseñando se los primero: y despues en viendo le quebrantar qualquiera dellos castigalo (...). Enseña a tu hijo cada vez que oye las campanas a que las tañen: y quando a de hincar las rodillas a orar: y como ha de orar: y quando es obligado a yr a la missa, y como la a de oyr, y los dias de ayuno para que los ayune (...) y quando el pobre viniere a tu puerta lleue le el niño la limosna porque aprenda a hazer bien..." (*Norte*, fl. p r.). A importância destas passagens do *Norte de los Estados* relativas à educação moral e formação religiosa dos filhos - para o que OSUNA propôs mesmo um "ensaio" de catecismo - foi já acentuada por F. de ROS, *Le Père François d'Osuna*, 269-73.

ninguna manera: ni consienta que otro se la muestre: si no la primera palabra que le enseñare sea Jesus: y dar le a dios buen gozo del niño"⁷⁵.

Osuna, que recorreu algumas vezes a Quintiliano, concebeu a educação religiosa e o estudo das primeiras letras como algo a empreender logo na primeira infância, quando a criança ainda estava a ser amamentada e no ambiente doméstico, e não apenas, como a maioria dos seus contemporâneos, quando estava na idade da "razão" - que, para muitos, se situava por volta dos sete anos -, sob a autoridade de mestres. Mesmo quando mais crescido, aquela educação familiar e doméstica - essencialmente religiosa - não deveria, segundo este franciscano, ser abandonada. Por isso o vemos criticar "*muchos casados que desprecian enseñar a sus hijos la doctrina cristiana: y mandando esto a otros quedan se ellos con el nombre de padre: y deuen pensar que la paternidad espiritual del que enseña no es menor que la paternidad del que engendra*"⁷⁶. Seguindo esta linha de pensamento, considerou "El Auctor" que a doutrina cristã devia ser "lo primero que sepa el niño", até porque "con mucha determinacion: y firmeza creen los niños lo que sus padres les enseñan porque piensan que no los engañaran (...) y todo se lo auian de mostrar su padre: y su madre: dando le cada noche licion con platca dulce despues de cenar tras el fuego: y mientras se duerme el niño en la cama: y no solo la doctrina cristiana se puede enseñar desta manera: mas avn a leer..."⁷⁷. Curiosamente, esta perspectiva não deixaria de ter, ao longo do século, cada vez mais adeptos, especialmente quanto mais se foi alargando o leque de destinatários das obras.

Mas Osuna, por esses anos e também sob este ponto de vista, não representa o pensamento mais frequente em relação à educação "literária" - entendida aqui no sentido genérico da aprendizagem (também religiosa e moral) através da leitura e da escrita - dos filhos. Esse papel é melhor representado por Guevara, até porque este foi, sobretudo, um eloquente divulgador⁷⁸.

Maior proximidade em relação às perspectivas de Guevara - talvez pela grande dependência em relação à mesma fonte principal, Plutarco - revelou

⁷⁵ Norte, fl. o iij r., subl. nosso. Este ensino das primeiras palavras está intimamente relacionado com a afirmação do controle das suas atitudes e gostos e com a orientação do comportamento, pelo que o vemos lembrar à mãe que "ha de mirar que no lo muestre a beuer vino: ni a ser goloso: que despues se quedan con estos vicios: ni le perdone qualquier desobediencia que le tenga sin se la castigar" (Norte, fl. o viij r.).

⁷⁶ Norte, fl. pij v., subl. nosso.

⁷⁷ Norte, fl. pij v., subl. nosso.

⁷⁸ Também sob este ponto de vista nos parece justa a afirmação de F. ROS no seu artigo "Guevara, auteur ascétique", esp. 363-4, a propósito do *Oratorio de Religiosos*: "Toute sa vie Guevara n'a fait que manier et développer des lieux communs (...). Lus au répertoire ou prononcés en public, les avis de Guevara, pour répondre aux besoins de tous, devaient s'en tenir aux généralités les plus élémentaires" e que "il n'est pas un grand écrivain spirituel, mais seulement un vulgarisateur" (p. 399). Mas não será precisamente este facto que justifica, em grande medida, o enorme sucesso de várias das suas obras, nomeadamente do *Relox de Príncipes*?

Francisco Monzón no *Libro Primero del Espejo del Principe Cristiano*, ou não pretendesse este ser também um "relógio" de príncipes. Monzón discutiu aqui, a propósito da educação dos príncipes, aspectos mais vastos relacionados com as orientações educativas e pedagógicas, nomeadamente em relação aos filhos. Aliás, foi, justamente, com esta preocupação particular que começou este "espelho".

Monzón mostra-se, em certos momentos, muito próximo de algumas posições de Guevara em relação a esta questão e, por vezes, da ordem expositiva por este adoptada, embora vá claramente mais além, especialmente porque desce mais ao pormenor, em especial nas discussões sobre critérios educativos e pedagógicos. Mas não esqueçamos que a sua obra foi editada década e meia mais tarde que a daquele franciscano. Além disso, Monzón mostra-se bastante conhecedor de, ao tempo, recentes - por vezes polémicas - correntes educativas e pedagógicas. Talvez por isso se tenha distanciado, em vários aspectos, de algumas perspectivas de Guevara em relação ao papel específico da educação na formação do futuro adulto. Um desses aspectos - e, talvez, o mais significativo - é o que diz respeito ao poder - a que não pôs reservas - da educação, especialmente moral, em detrimento da influência da "natureza". Foi, aliás, com a afirmação clara desse poder que começou a sua obra: "mayor fuerça y parte tiene enel hombre qualquier vso y criança, que no las inclinaciones de naturaleza. Y de aqui vini: que muchos hijos de padres muy virtuosos degeneraron dellos, y fueron muy viciosos y malos por ser criados ruinmente"⁷⁹; acrescentou mais adiante que "de padres ruynes y malos nascen hijos buenos y virtuosos por ser bien criados desde niños"⁸⁰. Mas distanciou-se também pelo modo como encarou os métodos educativos, tendo privilegiado a persuasão e a cativação do afecto da criança⁸¹ em detrimento do castigo, no qual Guevara, como Vives, tanto insistiu⁸².

⁷⁹ MONZÓN, *Libro Primero...Principe Christiano*, fl. vij v.

⁸⁰ *Libro Primero...Principe Christiano*, fl. viij v.

⁸¹ MONZÓN tratou, com alguma extensão, este aspecto no capítulo VI: "de como conuiene que los maestros y ayos delos príncipes sean mansos, para que por amor y sin rigor les enseñen". Buscando exemplos de animais que, a seus filhos, "por solo instinto natural los crian com amor y mansedumbre", tentou mostrar "quanta mas razon es que tomen este auiso los que vuieren de enseñar a los hombres: para que por amor y buena maña les abezen y doctrinen", afirmando ainda que "mas excelente modo sera doctrinar con mansedumbre y piedad que con castigos y açotes a los hombres (...) por ser el anima vna blanda cera que rescibe la figura e impression que le quisieren imprimir, si no la endurecen y exasperan con asperezas y rinas" (fl. xviii r). Desta forma, MONZÓN distanciou-se abertamente da maioria dos autores seus contemporâneos (especialmente os que escreveram nas décadas anteriores), que encontravam no argumento do castigo, nomeadamente físico, um apoio "convicente". Naturalmente, a sua perspectiva tinha especial razão de ser, na medida em que tratou explicitamente da educação do príncipe, embora os seus conselhos fossem válidos para os pais em geral, pelo que afirmou que "deurian de desuelar y trabajar los padres en criar sus hijos discretos y virtuosos" e que "de hombres bien criados vienen a ser letrados y valerosos" (fl. xiii r). Contrariamente aos métodos da "maña" e da "mansedumbre", os "castigos"

Mas, além disso, a proximidade de algumas das suas propostas com as de Guevara também revela já algumas diferenças de acentos e matizes - além de um amadurecimento - que não deixam de ser significativas. A insistência com que Monzón aconselhou que o "cuydado dela crianca delos niños pequeños pertenece a sus propios padres"⁸³ levou-o a aflorar uma questão bastante discutida em textos anteriores e contemporâneos, entre estes o *Espejo de Casados*⁸⁴: a superioridade ou inferioridade relativa do amor paternal e do amor

apresentariam, segundo MONZÓN, grandes inconvenientes, já que "si con castigos y temores quieren criar a los moços, no ay coraçones tan generosos que no se aciuilen y acouarden: y de acouardados no son para hazer ninguna cosa illustre y bien hecha" (fl. xviii r).

⁸² São várias as passagens no *Relox*, como vimos, em que GUEVARA insistiu na importância do castigo, tanto como punição, como apoio à acção educativa dos pais. Foi especialmente no cap. XXXIII: "Que los Príncipes, y grandes señores deuen mucho guardarse de no criar a sus hijos muy regalados. Es capitulo muy notable para el padre que crió a vn hijo muy regalado, y despues le saliò auieso", que Guevara criticou os pais que não queriam usar de "aspereza" com os filhos, "diziendo, que aun son niños, y que les queda harto tiempo para ser dottrinados..." (fl.183r). Mas esta defesa do "castigo" como um dos métodos pedagógicos inevitáveis foi ainda mais claramente tratada por este franciscano nas *Epístolas Familiares*, mais concretamente na *Letra para el Alcayde Hinestrosa Sarmiento, en la cual se toca que de no castigar los padres a sus hijos salen después traviesos* (*Epístolas*, vol. I, carta 67, 473-476). Referindo que "muchos días ha que vino a mi noticia ser el vuestro hijo atrevido, y desvergonzado, y mal criado...", afirmou que "el padre que quiere criar bien a su hijo débele ir cada hora a la mano, y no lo dexar salir con su apetito o siniestro..."; deste modo, "como los padres no los castigan, y las madres los encubren, vienen después a cometer tan atroces delitos que se pueden llorar, mas no remediar." (*Epístolas*, I, 475-476). É bem visível a diferença de concepções pedagógicas entre este autor e MONZÓN. E, sobre este aspecto, GUEVARA, apesar de algo alheio a algumas influências humanistas, ficou bastante mais próximo de VIVES (talvez pela natureza das fontes de ambos), que também considerara o castigo uma arma eficaz no controlo do comportamento dos filhos, apesar do peso decisivo que atribuiu à "boa doutrina": "Castíguelo la madre y muéstrelle que aquello no se ha de hacer y que le desplace..." (*Formación*, 1142); precisou ainda VIVES que "acerca de la vara y del castigo, hállense en el Sabio estos consejos, cuya puesta en práctica conviene a cada uno de nosotros: *La necesidad está ligada al corazón del muchacho, y la vara de la corrección la ahuyentará. No sustraigas del muchacho la disciplina, pues si le golpeares con la vara, no por ello morirá; tú con vara le herirás y librarás su alma del infierno. La vara y la corrección otorgan la sabiduría; mas el niño que es abandonado a su voluntad acarrea confusión a su madre.* Y, en efecto, la carne de pecado, inclinada al mal desde su origen, se ha convertido en esclavo ruin, que no tiene enmienda sino con azotes. Por esto, el Señor dice que ama a quien reprende y castiga. En este punto está bien que los padres cuerdos imiten la indulgente dignación divina, puesto que no ama a su hijo el que se abstiene de su enmienda y castigo" (*Formación*, 1143, subl. nosso).

⁸³ Assim começou o cap. II, fls. ix-xi.

⁸⁴ De facto, esta questão (abordada por Aristóteles) aparece discutida em vários textos, tanto anteriores como da época, tratando-se de um dos exercícios de estilo escolásticos, nomeadamente em torno do conceito de "amicitia", a crer nas palavras de Adovardo, um do interlocutores da obra de Leon Battista ALBERTI (*I Libri della Famiglia.*, 349): "...Queste adunque simili scolastice e definizioni e descrizioni in ozio e in ombra fra'litterati non nego sono pur ioconde, e quasi preludio come all'uso dell'arme lo schermire: ma a travagliarsi in publico fra l'uso e costume degli uomini, se null'altro aducessero che sapere se la madre piú che'l padre ama e'nati suoi, o se l'amor del padre verso e'figliuoli sia maggior che quello de'figliuoli verso el padre, e qual cagion faccia e'fratelli insieme amarsi...". Aliás, ALBERTI havia valorizado, logo no começo da obra, o amor do pai aos

maternal e as manifestações de ambos. A sus conclusão é, contudo, um pouco mais clara que a do Dr. João de Barros. Este humanista, depois de expor as posições distintas de vários autores, concluiu - embora se subentenda uma natural inclinação para o favorecimento da teoria da superioridade do amor paterno - que "pera meu proposito [a defesa do casamento] ora seja mayor o Amor da May: ora do Pay: qualquer delles he grande..."⁸⁵. Por sua vez, Monzón concluiu que "en esta question qual ama mas alos hijos el padre o la madre vuo diuersos paresceres de sabios. Aristotiles affirma que las madres los aman mas: pero comunmente se tiene por aueriguado: que el amor del padre es mas fuerte y eficaz, y el de la madre mas tierno y delicado"⁸⁶.

Mas foi realçando o natural amor dos pais pelos filhos - independentemente do modo particular da sua manifestação - que Monzón avolumou também a importância da educação (essencialmente religiosa e moral), que considerou um elemento básico desse amor, e não algo independente dele. Por isso, "de este amor natural que hemos prouado que los padres y madres tienen a sus hijos: se concluye facilmente, quanta obligacion les puso la naturaleza para trabajar en hazerlos virtuosos con buena doctrina..."⁸⁷. Esta "buena doctrina" seria, segundo Monzón, o instrumento essencial para que os pais - e em particular os reis e senhores - evitassem que os filhos viessem a ser "viciosos", já que considerou ser obrigação dos pais "criarlos virtuosos". A negligência destes, por vezes a falta de castigo, foram consideradas por Monzón a principal causa do comportamento vicioso dos filhos, pelo que afirmou ser "cosa justa que con publica justicia catigassen a los padres que criassen viciosos a sus hijos"⁸⁸.

Mas Monzón não se limitou à responsabilização, em geral, dos pais pela educação - parte da "criação" - dos filhos. Este autor desceu mais ao pormenor e, fazendo-se eco de outros autores e de outras obras, possivelmente da *Institutio* de Vives, centrou na mãe uma responsabilidade acrescida: a

filhos (*I Libri della Famiglia*, 20, 34, 36-37). Contudo, o modo de o tratar e o contexto em que surgiu no século XVI não eram os mesmos do século XV. A faceta "escolástica" do problema parece ter perdido força em detrimento dos objectivos com que o problema foi abordado e, por vezes, discutido. Revelador dessa evolução é, sem dúvida, o *Espelho de Casados* do Dr. João de BARROS que - até pelas suas fontes - assumiu conhecer a discussão, mas utilizou-a para provar que a questão principal não estava na discussão da superioridade do amor paterno ou do materno, mas na existência de um forte amor dos pais aos filhos, independentemente das características particulares do amor do pai ou do amor da mãe. Este problema parece entroncar num outro afim, largamente discutido nas sumas de teologia moral destes séculos e em obras doutrinárias, que era o de saber se se devia amar mais a mulher que os pais ou mais os filhos que a mulher ou os pais. Talvez se pudesse revelar interessante um acompanhamento deste debate desde os finais da Idade Média até aos fins do século XVII..

⁸⁵ *Espelho de Casados*, fl. XXr-XXIr.

⁸⁶ *Libro Primero...Principe Christiano*, fl. x v., subl. nosso.

⁸⁷ *Libro Primero...Principe Christiano*, fl. xi r.

⁸⁸ *Libro Primero...Principe Christiano*, fl. xi v.-xii r.

complementaridade da amamentação-alimentação e da educação moral. De facto, em seu entender, "no menor culpa tienen las madres en la crianca delos hijos que los padres: porque en los tiernos años se crian debaxo de su poder: y entonces tiene grande fuerça qualquiera doctrina y enxemplo que les dan, y qualquiera vicioso regalo se les imprime mas"⁸⁹.

Deste modo, tal como Vives e de forma mais nítida do que fizera Guevara, Monzón considerou essencial a vigilância e o ensino paterno e materno desde a primeira infância para que os filhos viessem a ser "discretos y virtuosos"⁹⁰. Consequentemente, e indo mais longe que Guevara que escrevera, igualmente, para os príncipes e grandes senhores, considerou que "se seguiria grande prouecho en que los padres fuesen los propios maestros de sus hijos"⁹¹, na medida em que "la doctrina delos padres aprouecha mas a los hijos: que la que les enseñan los maestros..."⁹²; ou, então, a dos "cercanos parientes"⁹³. Só quando "las muchas ocupaciones que oy en día tienen los principes en gouernar sus reynos y señorios, les estoruaren y impidieren de no poder ser ellos propios maestros", Monzón admitiu o recurso a outros mestres, mas lembrando que "deuen de ser en todo extremo sollicitos en buscarlos muy habiles y suficientes..."⁹⁴. Claro que estes últimos conselhos em relação à escolha dos mestres não teriam facilmente razão de ser, no tempo em que escreveu Monzón, fora dos meios da alta nobreza. O mesmo não se poderá dizer um século depois...

Naturalmente, o âmbito mais ou menos vasto dos destinatários ou o contexto da produção e objectivos das obras podem, também em relação a este problema da educação dos filhos - com que se interliga, permanentemente, o da escolha e competência dos mestres -, revelar orientações ligeiramente distintas ou variadas resultantes da focalização adoptada e dos aspectos privilegiados.

De uma forma geral, as obras posteriores às que vimos referindo mostram, como facilmente se compreende, objectivos e destinatários mais diversificados, visando muitas delas mais a *divulgação* de propostas e ideias do

⁸⁹ *Libro Primero...Principe Christiano*, fl.xii r.

⁹⁰ *Libro Primero...Principe Christiano*, fl. xii v.

⁹¹ *Libro Primero...Principe Christiano*, fl.xiii r.

⁹² *Libro Primero...Principe Christiano*, fl.xiii v.

⁹³ MONZÓN socorreu-se do exemplo dos romanos, referindo que "era tan grande el contentamiento que lleuauan enseñar los moços de generosa sangre: que quando los padres no podian doctrinar a sus hijos por estar ocupados en algunos grandes negocios o por otros grandes impedimentos, tomauan cargo dellos los mas honrrados y cercanos parientes: y aun teniasse por opinion que los enseñarian estos mejor que los padres: porque tambien el parentesco les haria tener amor y cuydado de abezarlos: y no siendo tan grande aquel amor como el paternal, dauales lugar a castigarlos mas libremente de qualquier vicio o tacha que les viessen (...) y por ser muy comun esta costumbre que los tios fuesen maestros de sus sobrinos..." (fl. xiiii r).

⁹⁴ *Libro Primero...Principe Christiano*, fl. xv r.

que a apresentação de perspectivas novas. Assim sucedeu com os *Coloquios Matrimoniales* (1550) de Pedro de Luján, que, tal como fez em relação ao casamento e vida dos casados, também sobre a educação dos filhos glosou amplamente Erasmo - o colóquio *Pietas Puerilis* - e Guevara - neste caso, o *Relox de Principes* -. Mas, Luján, porque conhecia certamente outras obras sobre o assunto e a sua obra foi especificamente dedicada aos casados (sem delimitação clara de grupos sociais), foi mais minucioso e variado do que Erasmo e do que Guevara, embora as ideias-base não sejam substancialmente diferentes das daqueles⁹⁵.

Por seu lado, uma outra obra, a *Ordem e Regimento da Vida Cristã* de Fr. Pedro de Santa Maria - e dadas as suas características comuns às Doutrinas cristãs⁹⁶ -, privilegiou mais a divulgação (e não só na aristocracia) de ideias básicas sobre a educação cristã dos filhos. Curiosamente, este lóio adoptou uma ordem que já Osuna havia seguido, mas insistiu em alguns aspectos - e privilegiou conceitos - que os tempos pós-Trento viriam a consagrar, como veremos: "os filhos que ho senhor te der se os poderes criar em casa em nenhũa maneyra os des a criar fora (...). e como se forem criando logo procura de os ir ensinando na ley Christãã: e plantando eruezinhas de virtudes e bons costumes em suas tentras e limpas almas pera que se acostumem (...) logo des a mininice ensines teus filhos das cousas da cristindade e ley de deos (...). Depois que souberem a doutrina cristaã. Deues procurar de lhes dar ordem como aprendam officios licitos e onestos..."⁹⁷.

⁹⁵ LUJÁN desenvolveu esta problemática tendo por base, como dissemos, os textos já referidos de ERASMO e, sobretudo, Fr. António de GUEVARA (que, por sua vez, e sobre este aspecto da criação e educação dos filhos, se apoiaram grandemente em PLUTARCO...), no "Quarto Colóquio", depois de se debruçar sobre "cómo se debe haber la mujer preñada en su preñez" e "cómo se ha de haber el marido con su mujer quando está preñada y en su parto", aconselhando-os depois "en el criar de la criatura, en el darle los maestros y amas, en doctrinarlos" (*Coloquios*, 105 ss.). LUJÁN também insistiu na importância de a mãe amamentar o filho, enumerando as vantagens que desse facto adviriam (128-132), na criteriosa escolha da ama e sua alimentação (133-142), na educação - e castigo - dos filhos (143-163). Seguindo sempre de perto GUEVARA (o *Relox* e algumas *Epístolas*), copiando-o e glosando-o, LUJÁN realçou, simultaneamente, como faces da mesma moeda, a educação e o castigo: "¿Qué aprovecha a un hombre ser rico, ser bienfortunado, alcanzar grandes casamientos, ser de todos acatado, tener grandes tesoros, ver a su mujer preñada, verla alumbrada, que críe el niño a sus pechos o acertar en tener buena ama, si después, por falta de buen castigo, el hijo sale vicioso? (...) la cosa más provechosa es la buena crianza de los hijos, porque si todos fuesen bien criados, toda la república viviría en paz" (*Coloquios*, 143 e 145).

⁹⁶ Pedro de SANTA MARIA, *Ordem e Regimento*, fl. lxxij r: "Esta materia tratei largamente na doutrina mayor no sacramento do matrimonio..." Diria mais adiante que "em nenhũa maneira os des a criar fora por muytas causas que ali tratey e aqui calo". Cf. P. TAVARES, *Os Lóios* e "Algumas notas sobre o 'catecismo peninsular' no séc. XVI. De Constantino a Fr. Pedro de Santa Maria", in *Revista Da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas*, II série, I (1984), esp. 267 ss."

⁹⁷ *Ordem e Regimento*, fl. lxxij r. e v. OSUNA já havia traçado um percurso que incluía o "auiso de buenas costumbres", o "leer y escreuir muy bien", o ser acostumbrado "en todos los mandamientos de dios", bem como a responsabilidade do pai "de lo traer por toda la cibdad para ver que officio le

*

Nos textos que temos vindo a analisar, parece evidente uma crescente preocupação - e uma atenção diferente - em relação à educação - sobretudo religiosa e moral - da primeira infância; uma preocupação e uma atenção que se tornam mais insistentes e diversificadas à medida que avançamos no século. Multiplicam-se as perspectivas e, sobretudo, intensificam-se e generalizam-se alguns conselhos, de que salientamos a importância da amamentação materna, a educação moral e o controle do comportamento desde os primeiros tempos de vida, o início da aprendizagem da doutrina cristã, a permanente vigilância dos pais em relação aos hábitos e atitudes dos filhos.

Estes conselhos genéricos foram-se tornando recorrentes, especialmente a partir da década de 30 do século XVI, em todos os textos que abordaram o problema, sendo válidos tanto para os filhos rapazes como para as filhas, e diziam respeito, no essencial, à infância (até por volta dos sete anos). Mas, a partir desta idade, as orientações eram claramente distintas, conforme visavam o sexo masculino ou o feminino, como distintos eram, também, os destinatários.

Mais uma vez, o *Relox de Principes* de Guevara se apresenta como um dos textos mais ilustrativos da mudança de perspectivas. Nos primeiros capítulos sobre a educação dos filhos, o Bispo de Mondoñedo dirigiu-se às princesas e grandes senhoras - enquanto mães - aconselhando-as sobre os deveres em relação à primeira infância. Mas, quando teve de referir a educação "literária" dos filhos, os conselhos foram expressamente dirigidos aos pais: "mi fin (...) amonestar, persuadir, y rogar a todos los Principes, y grandes señores a que desde niños muy niños pongan hombres muy sabios a sus hijos, y esto a fin, que les enseñem no como han de viuir, mas como han de hablar..."⁹⁸.

Ora, esta diferenciação de competências remete-nos para essa distinção essencial, partilhada pelos contemporâneos, entre educação dos filhos rapazes e educação das filhas.

2. A educação dos rapazes

É, compreensivelmente, nos espelhos de príncipes e senhores que a especificidade e a valorização da educação moral, literária e política dos rapazes aparece mais nítido, uma vez que neles estava em causa a função política e social do futuro príncipe ou senhor. Daí que essa educação estivesse orientada, no essencial, para o desempenho futuro das mesmas e, conseqüentemente, se

agrada mas, o si quiere proceder por la sciencia(...) por que la ociosidad no lo haga malo..." (*Norte*, fl. o viij v.-p j r.).

⁹⁸ *Relox*, fl. 164v. GUEVARA dirigira-se directamente às princesas e grandes senhoras para que criassem e amantassem os seus filhos nos caps. XVIII - XXIII, mas, quando se referiu à instrução dos filhos - em particular os príncipes -, nomeadamente para que soubessem falar bem, GUEVARA dirigiu-se apenas aos pais, príncipes e grandes senhores (caps. XXV-XL).

valorizassem todos os actos exteriores, como o falar e o saber agir de acordo com as diferentes situações. Por isso dedicou Guevara vários capítulos a estes aspectos⁹⁹, bem como à escolha - e aos critérios da mesma - dos aios e mestres dos filhos¹⁰⁰, uma vez que sobre estes recaíam, tradicionalmente, as responsabilidades de "criação" e de "instrução" dos príncipes e dos nobres. É, aliás, neste contexto que ganha significado não só a afirmação de Guevara de que "la elocuencia, y bien hablar en cada vno sea causa de aumentar su honra", mas, sobretudo, a explicitação de que "resplandece, y es mas necessaria en casa de los Principes, y grandes señores, porque los hombres que tienen oficios publicos, de necesidad han de escuchar a los naturales, y hablar con los extranjeros"¹⁰¹. Por isso, e além de ter aconselhado "que las Princesas, y grandes señoras tomassen tales amas para sus hijos, que fuessen sanas para darles a mamar, fuessen prudentes para enseñarles a hablar"¹⁰², referiu igualmente que "todo esto aprouecha poco, si a sus hijos ya que crecen no les dan buenos maestros que les enseñen la escritura, y no los encomiendan a buenos ayos que les enseñen a viuir a ley de caualleria..."¹⁰³.

Neste contexto, Guevara, apesar de ainda não negar, respeitando uma concepção "medieval", que "segun la aduersidad, los padres assi son varias las inclinaciones que tienen los hijos, en que vnos siguiendo su buen natural son buenos, y otros no resistiendo a sus sensualidades son malos", considerou também que "en este caso haze mucho (...) que el buen padre desde niño enseñe bien a su hijo, de manera que lo malo que le dio naturaleza lo emiende con buena criança..."¹⁰⁴. Assim, apesar do Bispo de Mondoñedo ainda não desvalorizar abertamente a concepção medieval que se mostrava impotente perante o comportamento - e a evolução deste - da criança, atribuiu, claramente, um poder decisivo à educação (ainda num sentido bastante aristocrático) directamente por aios e mestres, mas acentuando já a importância do contexto doméstico para o controle dessa mesma educação. Daí que, para não deixar crescer as "sensualidades" da criança, tenha considerado fundamental uma educação severa e vigiada também pelos pais. E, também aqui, as informações

⁹⁹ Em especial o cap. XXV: "Que habla en general, quan gran excelencia es en el hombre saber bien hablar" (fl. 162v.-164v.).

¹⁰⁰ Particularmente os caps. XXXIV - "Que los Principes, y grandes señores deuen ser muy solicitos em buscar ayos para sus hijos, y de diez condiciones que han de tener los buenos ayos para que sean suficientes de tomar à cargo hijos de buenos..." (fls.183v.-188r.), caps.XXXV e XXXVI (exemplos de Marco Aurelio), cap. XXXVII - "Que los Principes y grandes señores deuen de quando en quando pesquisar como los ayos y maestros enseñan, y dotrinan à sus hijos..." (fl. 193r.-194v.), aspectos que desenvolveu nos capítulos seguintes.

¹⁰¹ *Relox*, fl. 163v.

¹⁰² *Relox*, fl. 166r..

¹⁰³ *Relox*, fl. 176v.- 177r..

¹⁰⁴ *Relox*, fl. 179r..

que o *Relox de Principes* nos permite colher sobre alguns métodos educativos e sobre algumas concepções da educação no seu tempo autorizam matizar generalizações que, frequentemente, correm em torno destes aspectos. Assim, tendo insistido com os pais para que os filhos não fossem criados "muy regalados", referiu também que "muchas vezes los padres no quieren con aspreza dar buena crianca a sus hijos, diciendo, que aun son niños, y que les queda harto tiempo para ser dotrinados, y aun para mayor escusa de su error afirman, que corre peligro la salud del niño...". Mas, do seu ponto de vista, "com este descuydo (...) permite despues Dios que salgan tan escandalosos en la Republica, tan infames a sus parientes, tan inhobedientes a sus padres, tan malignos en sus condiciones, tan auessos en sus costumbres, tan inhabiles para la ciencia, tan incorregibles en la disciplina, tan inclinados à la mentira y tan emulos de la verdad..."¹⁰⁵.

Embora Guevara tenha referido que "permite despues Dios que salgan tan escandalosos...", em jeito de alusão ao castigo divino pelo não cumprimento de um dever pelos pais, a atribuição de um papel decisivo à educação na formação moral do futuro adulto parece já evidente, o que justifica também que este autor se tenha detido longamente na enumeração das qualidades que, do seu ponto de vista, deveriam ter o ayo e mestre, exemplificando mesmo "algunas condiciones que han de tener los ayos que han de criar hijos de buenos"¹⁰⁶: enumeração que, curiosamente, Luján não veio a glosar, porque os seus destinatários - os casados ou futuros casados, logo, pais ou futuros pais... - seriam socialmente mais diversificados...¹⁰⁷.

Mas Guevara também quis ir um pouco mais longe, mostrando acompanhar uma tendência visível em humanistas e moralistas seus contemporâneos: o reconhecimento e, mesmo, a valorização das competências educativas dos aios e mestres não libertaria, segundo se depreende das suas palavras, os príncipes e grandes senhores da sua função de pais e, conseqüentemente, de uma vigilância mínima sobre a evolução da aprendizagem e do comportamento dos filhos - e, portanto, também dos mestres: "no pueden escusarse de culpa los Principes, y grandes señores en que *despues que hazen eleccion de vn cauallero para ayo, y de vn hombre docto, para que sea maestro,*

¹⁰⁵ *Relox*, fl. 183r..

¹⁰⁶ *Relox*, fls. 183v.-188r., particularmente fl. 184v. ss.

¹⁰⁷ De facto, não deixa de ser particularmente interessante que LUJÁN, tão dependente de Guevara na maioria dos colóquios, apenas tenha glosado os conselhos válidos para todos - casados e pais de todos os estados - e tenha deixado no silêncio aspectos que Guevara tanto valorizou, mas cuja pertinência deixava de existir nos objectivos claramente mais amplos dos *Coloquios Matrimoniales*. Este é mais um dos aspectos que obrigam a uma valorização particular desta obra de LUJÁN já que, e dado o seu enorme sucesso editorial, com ela o seu autor não apenas contribuiu para divulgar perspectivas de outros moralistas, mas *seleccionou e orientou* essa divulgação de acordo com uma moral matrimonial que reforçava a importância do núcleo conjugal - uma orientação que se viria a reforçar na segunda metade do século XVI e no século XVII.

assi viuen descuidados, como si ya no tuiessen hijos..."¹⁰⁸. Este descuido seria tanto mais grave quanto "infinitas vezes mas necessario es castigar a los ayos, que no disciplinar a los discipulos", pelo que Guevara considerou importante que "aunque el Principe no se informe de la vida de los ayos cada dia como hazia el Rey Seleuco, *deue alomenos pesquisar muy por menudo una vez en la semana de los descuydos de los ayos, y de los atreuimientos de los hijos*" e, conseqüentemente, "aun deue llamar a los tales ayos, y Maestros, y *auisarlos, y rogarlos, y amonestarlos, y aconsejarlos* que miren mucho por la criança de sus hijos, y tener pensado de les dezir algunos buenos consejos, los quales ellos despues refieran à sus discipulos..."¹⁰⁹.

Assim, mesmo no caso dos príncipes e dos grandes senhores, Guevara considerou importante uma "presença" assídua dos pais, uma supervisão que impedisse a progressão de uma educação - sobretudo no plano moral - em desacordo com os seus objectivos fundamentais.

Curiosamente, este conselho parece estar em consonância com uma tendência já tornada realidade - mas, ainda, novidade - na corte de D. Manuel. A crermos na verdade das palavras de Francisco de Andrada na *Crónica de D. João III*, criava-se "o príncipe em casa da Rainha dona Maria sua mãy, onde se criou todo o tempo que ella foi viua (...). Tanto que começou d'andar desempeçadamente, o encomendou el Rey seu pay a Gonçalo figueyra, cidadão dos principais e mais antigos de Lisboa, para que o acompanhasse e olhasse por elle, receoso dos desastres que costumão acontecer naquella idade. *Ayo lhe não deu el Rey nem a ninhum dos ifantes seus irmãos, sendo custume antigo deste reyno darse a todos*, não porque ignorasse este custume, pois tambem em sy o exprerimentára, senão *porque o auia por cousa escusada(...). A Rainha sua mãy em quanto foy viua lhe seruiu sempre de ayo.*"¹¹⁰.

Mas esta "novidade" em relação à "criação" de um príncipe foi ainda acrescida de uma outra, igualmente referida como polémica, ao tempo, por Francisco de Andrada: "Deteve-se el Rey mais tempo do que era custume deste reyno em dar ao príncipe ordem de casa, officiais e renda separada, e como isto era cousa noua deu ocasião a muytos de terem sobr'isso varias sospeitas, e lançarem varios juyzos, mas a causa, que então se ouue por mais certa, foy *arreçar el Rey os inconuenientes que ordinariamente costumão nacer de se começarem os moços a gouernar cedo por sy mesmos, e pollos que trazem derredor de sy*, principalmente os príncipes, e os que se crião para ter mando e gouerno..."¹¹¹. Curiosamente, mais tarde, o Padre Amador Rebelo, na *Crónica de D. Sebastião*, insinuaria que "El-Rei, como fôra criado por vontade, *sem jugo*

¹⁰⁸ *Relox*, fl. 193v., subl. nosso.

¹⁰⁹ *Relox*, fl. 194v., subl. nosso.

¹¹⁰ ANDRADA, *Crónica de D. João III*, edição de M. L. de Almeida, Porto, 1976, 5, subl. nosso.

¹¹¹ *Crónica*, 7, subl. nosso.

de pai e de mãe, não acudia muito aos avisos do Cardeal, seu tio, nem da Rainha, sua avó"...¹¹²: uma insinuação que pretendia buscar também alguma justificação...

Interessa-nos salientar ainda, a crer no rigor da informação de Francisco de Andrada, o facto de D. Manuel e sua mulher D. Maria, contrariamente a um costume tradicional na família real, não terem "entregado" completamente a primeira educação do futuro rei na mão de aios, e de os mestres terem sido escolhidos e acompanhados pelos reis, de acordo com progressão da sua aprendizagem¹¹³. Um reconhecimento e um acolhimento das "novas" correntes educativas fomentadas por humanistas e religiosos? Nesse caso, esse "acolhimento" teria começado bastante cedo...

3. *A educação das filhas*

Os conselhos para a educação das filhas são bastante mais precisos, sendo a uniformidade de perspectivas o traço mais significativo. De facto, quase não encontramos diferenças de orientação nos mesmos, para além da maior ou menor extensão de avisos e apelos aos pais - mais concretamente às mães - pelos diferentes autores. Como dissemos mais atrás, as advertências e os conselhos para a educação das filhas estão quase sempre dirigidos às mães, apenas se encontrando, em alguns autores, referências à vigilância que os pais deveriam ter em relação, sobretudo, às atitudes exteriores das filhas.

Um dos aspectos mais significativos - e recorrentes - da concepção da educação das filhas é a insistência na severidade materna e no *controle* do seu comportamento e das suas atitudes - um controle que a mãe não deveria nunca abrandar, sob pena do não respeito pelas virtudes básicas que se exigiam no comportamento feminino.

Embora vários autores de finais da Idade Média tenham insistido na especificidade e, também, na importância da educação das filhas - refiramos, entre os que circularam na Península Ibérica, Francisco Eiximenis¹¹⁴ e Cristina de Pisano¹¹⁵ -, seriam, sobretudo, os humanistas e moralistas do século XVI a

¹¹² Pe. Amador REBELO, *Crónica de El-Rei Dom Sebastião*, ed. de A. F. de Serpa, Porto, 1925, 22, subl. nosso.

¹¹³ Francisco de ANDRADA (*Crónica*, 6) referiu, neste contexto e com alguns comentários sugestivos, os sucessivos mestres de D. João III

¹¹⁴ EIXIMENIS pretendeu, com *Lo Libre de les Dones*, debruçar-se sobre os vários "estados" de mulheres, pelo que preveniu que "Lo llibre aquest (...) és tot de dones, e tracta de lurs bonees, e vicis, e remeys d'aquells, segons que la santa Scriptura e ls sans doctors e philòsofs han parlat, segons que contínua experiència nos ensenya..." (*Lo Libre*, 7). EIXIMENIS, depois de falar das mulheres em geral, começou por se ocupar das "infantes" e das "donzelles", com o que ocupou os dois primeiros tratados da obra.

¹¹⁵ Como vimos, todo o *Espelho de Cristina* visava a educação feminina (de acordo com os diferentes grupos sociais), pelo que a educação das filhas em particular mereceu, como veremos,

re-construir, traduzindo principalmente S. Jerónimo, o modelo da educação das filhas.

Como é sabido, o autor que revelou maior preocupação e uma visão mais sistemática em relação à educação - essencialmente moral e relogisa - das filhas foi Luis Vives, em cuja *Institutio Foeminae Christianae* pretendeu, como vimos, estabelecer fronteiras para o comportamento feminino, tendo começado, justamente, pela "crianza de la doncella en su niñez"¹¹⁶. A severidade com que Vives concebeu toda a criação e educação das meninas é um aspecto já referido. Importa-nos, por isso, salientar aqui os aspectos que podem ajudar a situar o significado dessa severidade no contexto de toda a sua concepção da educação e do comportamento femininos, aspecto, aliás, em que o humanista valenciano comungou de muitas das perspectivas de autores anteriores - com S. Ambrósio e S. Jerónimo à frente¹¹⁷ - e, também, de contemporâneos¹¹⁸.

De facto, essa severidade por parte deste humanista não visou exclusivamente a infância feminina, mas o lugar dela no desenvolvimento da futura esposa e mãe. Vives não quis "criar" propriamente um modelo da virgem - como o fizeram, por exemplo, Santo Ambrósio e S. Jerónimo, cujas influências são, apesar disso, bem manifestas neste primeiro livro da *Institutio*¹¹⁹ -, mas um modelo de donzela preparada para ser um modelo de esposa e mãe, tal como nolo veio a apresentar no Segundo Livro desta obra. E este é, de facto, um aspecto *fundamental* para a compreensão de toda a elaboração da sua obra e da sua concepção da educação feminina.

Isso não impediu, muito pelo contrário, que o modelo da virgem, tal como o concebeu S. Jerónimo e outros Padres, tenha estado na base deste

várias considerações à sua autora. Em relação às princesas em particular, Cristina lembrou-lhes a importância de terem "com suas filhas boas e sages molheres (...). E em esto deue muyto esguardar que a molher que ouuer gouernança de sua fylha. seja de boo nome e deuota e ame honrra..." (*Espelho de Cristina*, fl. xij v.); recomendou ainda que as deveria "ordenar de tal maneira como em sua moçidade tomem regra de bem viuer pera exemplo de boa companhia..." (fl. xxv r.), sendo a sua "presença" importante no crescimento dela: "assy a sesuda madre auera cuydado da gouernança e doutrina de suas filhas. E quanto mays forem creçendo: tanto as mays fara estar açerca de sy sempre em temor. *E a sua sesuda e honesta maneyra fera enxemplo aas filhas d'outrem de tomarem sua regra*" (fl. xiiij r., subl. nosso).

¹¹⁶ É este o título do Capítulo I do Livro I, 989 ss.

¹¹⁷ Salientamos aqui não só o *De Virginitate* de S. AMBROSIO, mas, muito especialmente, a carta *Ad Laetam, de institutione filiae* de S. JERONIMO, na qual este religioso pretendeu criar o modelo de uma virgem, não de uma futura esposa e mãe, embora ela o pudesse vir a ser. Um modelo que se viria a manter por muitos séculos...

¹¹⁸ Nomeadamente de ERASMO. Além do que se pode inferir de alguns colóquios, o humanista de Roterdão aconselhou a instrução da donzela, mas acompanhada de um rigoroso controle do seu comportamento, ainda mais do que dos rapazes (*De Pueris Instituendis*, 358).

¹¹⁹ De facto, a presença destes dois Padres é constante, mas é especialmente visível ao longo do "Libro Primero", a par de S. CIPRIANO e de S. FULGENCIO, também frequentemente citados por VIVES.

modelo da donzela. Aliás, o que Vives mostrou esperar da donzela que quis educar era que fosse "honesta y buena", mais do que "docta"¹²⁰; portanto, a sua educação deveria ser, desde a mais tenra idade, diferente e separada da dos rapazes: "luego que la niña fuere destetada y comenzare a hablar y a andar, todos sus pasatiempos sean con muchachuelas de su edad, y esto en presencia de su madre o de su ama o de alguna mujer madura de años que ponga templanza en aquellos juegos y modere aquellos esparcimientos del ánimo pueril y los encamine a la honestidad y virtud..."¹²¹. Assim, para que nada lhe fosse dado aprender que não correspondesse às atitudes consideradas próprias de uma donzela, "todo, en la primera mocedad", deveria ser "casto y puro"¹²², pelo que defendeu o afastamento de, entre "los juegos y pasatiempos que aquella edad necesita", tudo "cuanto pueda dañar la sana y recta crianza; ninguna obscenidad se cuele en su espíritu ni se inficione con el amor de la parlería demasiado. Antes bien, ya desde entonces y como por juego, *medite lo que más tarde habrá de serle de gran provecho*. Edúquecelas en la afición de las consejas y castas fabulillas, arrebátenseles de las manos las muñecas, que son como una imagen de idolatría y que les inculcan y agrandan el natural amor de los afeites y de los atavíos..."¹²³.

De igual modo, a posterior aprendizagem das primeiras letras - que, tal como S. Jerónimo, também Vives aconselhou para a donzela - deveria, de acordo com a contextualização desta obra, prepará-la para a sua futura função de *esposa cristã*: "en la edad en que la muchacha pareciere apta para las letras y el conocimiento de las cosas, comience por aprender aquellas que al cultivo del alma pertenecen y las que conciernen al régimen y gobierno de la casa..."¹²⁴. Naturalmente, tendo em conta os perigos da ociosidade e o que se esperava da sua vida futura, a aprendizagem das letras não era, para a donzela, um fim em si, pelo que deveria aprender "al mismo tiempo que las letras, a traer en sus manos la lana y el lino (...) convenientísimas a la economía doméstica, conservadoras de la frugalidad de la cual conviene sobre manera que sean las mujeres curiosas guardadoras"¹²⁵.

¹²⁰ *Formación*, 990: "Por lo que toca a la doncella, puesto que no la queremos tan docta como honesta y buena, todo el cuidado de los padres debe tender a que no se le pegue cosa alguna de deshonestidad ni vicio".

¹²¹ *Formación*, 990.

¹²² *Formación*, 991.

¹²³ *Formación*, 992, subl. nosso.

¹²⁴ *Formación*, 992. A defesa da aprendizagem feminina da leitura já havia sido feita por Cristina de PISANO, que a concebeu como um meio para a virtude e devoção da donzela: "e querera a princesa, que quando sua filha for de ydade que aprenda a leer e sayba suas horas. de sy liuros de deuoçam e que falle de boons costumes e nom de cousas vaãs nem desolutas..." (*Espelho*, fl. xij v.).

¹²⁵ *Formación*, 992.

Já nos referimos à posição de Luis Vives em relação aos critérios - e objectivos - das leituras femininas. Também os conselhos relativos aos seus vestidos e atavios estavam, tradicionalmente, marcados pelas "virtudes" femininas como a castidade, humildade, vergonha, temperança, devoção... que vimos serem consideradas essenciais, por este humanista e por todos os moralistas, na donzela e nas mulheres em geral. A exaltação destas virtudes visou, do ponto de vista do controle do seu comportamento moral, um domínio da vontade e dos sentimentos, o preenchimento de todos os "lugares" da afectividade na donzela, a fim de que o seu futuro pudesse, sem conflitos, ser preparado pelos pais. Assim se passaria com a decisão do casamento e a escolha do noivo, em que a donzela não devia, de modo algum, intervir¹²⁶.

Como dissemos, o essencial desta concepção da educação das filhas foi sendo, de um modo geral, partilhado por todos os moralistas do século XVI, que atribuíram às mães um papel decisivo nessa mesma educação - consequentemente, também ao contexto conjugal e doméstico que constituía o seu "meio social".

Efectivamente, e como Vives foi salientando, a presença da mãe na criação e educação das filhas era claramente mais importante e valorizada do que na educação dos filhos. Aliás, em relação a estes, a presença da mãe quase deixava de se fazer sentir a partir do momento em que eram escolhidos mestres e em que se ia fazendo, progressivamente, a sua integração na sociedade e na vida "pública" - momentos em que deixavam de existir pontos de contacto entre a educação dos rapazes e das raparigas. A educação destas deveria, portanto, estar a um nível diametralmente oposto da daqueles, especialmente a partir do momento em que o ensino das primeiras letras daqueles marcava a futura integração na vida social e no "mundo" masculino.

Dáí, por um lado, o acentuar da necessidade de uma vigilância e de um controle materno permanentes sobre as atitudes, gostos e comportamentos das meninas e, por outro, do cuidado em lhes orientar o seu crescimento a fim de que, evitando a ociosidade e a sensualidade, se ocupassem nos exercícios considerados mais adequados à sua "natureza" feminina.

É esta uma orientação marcada, nas primeiras décadas do século XVI - orientação que o século XVII veio a reforçar, como veremos -, testemunhável em todos os textos que se debruçaram sobre este problema. E se Vives ocupou, como dissemos, um lugar de primeiro plano na divulgação deste modelo educativo - basicamente construído por S. Jerónimo... -, outros autores que se dirigiram às mulheres o secundaram, ou ajudaram a tornar mais assimilável as propostas daquele humanista. É o caso do "autor" do *Carro de las Donas* que, partindo - por vezes traduzindo - de *Lo Libre de les Dones* de Eiximenis,

¹²⁶ São especialmente elucidativos, sob este ponto de vista, os capítulos finais do Livro Primeiro, nos quais VIVES tratou dos amores (cap. XIII), do amor da donzela (cap. XIV) e "de cómo se ha de buscar el esposo" (cap. XV).

acentuou também o peso decisivo da vigilância materna sobre a educação e o crescimento das filhas, citando, com frequência, a *Carta a Leta* de S. Jerónimo (como, aliás, o fizera Eiximenis). Por isso também insistiu em que as mães deveriam amamentar elas próprias os filhos, nomeadamente porque "las madres ternan mas amor a sus hijos quando los crían a sus pechos y les dan a mamar de su sangre que es la leche: y los traen en sus brazos y con mucho cuydado los crían.."127; aconselhou igualmente que, em caso de "indispusición notable", lhe buscasse "con gran diligéncia vna ama buena y de buenas costumbres: en especial las que han de criar hijas: porque este es nuestro intento persuadir que las niñas sean desde la leche bien criadas y doctrinadas: porque sean despues mugeres honrradas y sepan regir sus casas y criar bien sus hijos"128.

Deste modo, também para este franciscano a preocupação principal incidiu na formação moral das meninas desde o nascimento, a fim de que, crescendo, se tornassem "mulheres honrradas" e, conseqüentemente, esposas e mães exemplares. O modelo da educação infantil feminina também foi, nesta obra, marcado pelo já referido modelo da futura esposa e mãe, pelo que o moldar da sua personalidade não visou apenas o seu comportamento enquanto menina e donzela, embora este fosse um alicerce fundamental para que pudesse vir a ser uma "boa esposa" e "boa mãe". Tal como Vives, também o "autor" do *Carro de las Donas* insistiu no controle de todas as atitudes e dos gostos das filhas para que fossem "luego corregidas" e tivessem "freno en el regozijo y desemboltura: porque quando pequeñas son las niñas mas regozijandas y mas parleras y alegres que los varones y por tanto se deuen refrenar: y apartarlas que no burlen ni duerman con niños en vna cama aun que sean sus hermanos"129. Daí que, segundo este autor, fosse necessária "muchá discrecion en su madre: o en su aya o ama de inclinar la niña a que siempre sea virtuosa: porque desta tal criança y principio sera la niña en su edad honrrada matrona y bien casada: y conforme a esta buena criança criar a sus hijos"130. Fundamental nesse esforço para que a menina fosse virtuosa era, também para este franciscano, o ensino, pelos pais, da doutrina cristã e das principais orações, como "el pater noster y el aue maria, y el credo y salve regina" e, ainda, o saber "hincar las rodillas ante la ymagen de nuestro redemptor y de su madre sancta maria..."131.

E se estas primeiras orações eram, no essencial, as mesmas que se aconselhavam aos rapazes, já a iniciação das filhas em algumas devoções as deveria preparar para um domínio das práticas religiosas e devocionais mais "femininas", tais como as que vimos aconselhadas para a donzela e para a

127 *Carro*, fl. xv r.

128 *Carro*, fl. xv v.

129 *Carro*, fl. xv v.

130 *Carro*, fl. xv v.

131 *Carro*, fl. xvi r.

casada. E é curioso notar que este autor também as situou, justamente, num contexto feminino, já que, se começara por aconselhar genericamente que "la niña luego que sabe conoscer qualquier cosa de seso la deuen sus padres instituyr en las cosas que se entienden de dios nuestro señor", foi à mãe que se dirigiu quando quis ser mais específico na orientação das suas práticas devocionais, já que a ida das filhas à igreja só se concebia, geralmente, com acompanhamento feminino, preferencialmente materno: "y quando su madre la lleuare ala iglesia la enseñe a hincar las rodillas y a signarse y a sactiguarse: y que este cubierta la cabeça..."¹³². Mas, além da ida à igreja, também comum ao rapaz, deveria a mãe velar para que a menina trouxesse "*siempre el rosario en las manos*, u alo menos consigo: *porque el rosario es las oras en que reza la muger*: y dezir le que en abscondido haga oracion deuota algun rato del dia, rogando a dios que la haga buena para su seruicio..."¹³³.

Naturalmente, este ensino de práticas religiosas e devotas deveria, ainda segundo o mesmo religioso, ir-se adaptando ao crescimento da menina, pelo que esse ensino não podia ser independente da formação e controle do comportamento; pelo contrário, a interpenetração da devoção e do comportamento moral deveria ser cada vez mais íntima. Para tal, o "autor" - que, neste aspecto, foi mais "moderno" do que Vives e outros contemporâneos - mostrou também a importância da vigilância e da orientação não apenas por parte da mãe, mas também do pai, cuja presença deveria, do seu ponto de vista, ser reforçada à medida do crescimento da filha, para que, com a sua autoridade, o controle do seu comportamento fosse também mais eficaz. Por isso este franciscano se dirigiu, ainda que com conselhos genéricos, a ambos, apontando para uma complementaridade - de papéis e de "ensinos": "e allegando a doze años, ya la deuen sus padres enseñar a ayunar las visperas delas principales fiestas del año: y las vigalias de nuestra señora: y hazer la muy deuota della, rezando le muy deuotas y particulares oraciones que ella escogiere por su buena deuocion. E deuen las enseñar el sancto mysterio de la sanctissima trinidad: y que siempre tenga algun sancto o sancta por abogado, con el qual tenga especial deuocion a quien se encomendar, hablando siempre ante dios. y enseñen la a que honrrre a sus padres, y les tenga mucho acatamiento y reuerencia: y les bese las manos, y no les contradiga en cosa alguna por no les enojar: y que los acate y tema: y con algun castigo las deuen poner algun temor, no las dexando passar con liuidades: ni con sentir las respuestas, ni ser mal criadas..."¹³⁴.

Complementares e indissociáveis desta interpenetração da devoção com o comportamento moral da menina e da donzela eram a repreensão e o castigo, armas que também este autor considerou eficazes para moldar o comportamento

¹³² *Carro*, fl. xvi r.

¹³³ *Carro*, fl. xvi r., subl. nosso.

¹³⁴ *Carro*, fl. xvi r.

da filha e da futura casada: "castiguen las mucho que no digan alguna falsedad ni mentira ni chocarrerias: y que no jueguen con los niños, ni tomen cosa que les den los muchachos. E mandenlas que no hablen a voces: ni se rian disolutamente: y sean amonestadas que traygan los ojos baxos, no miren muy ahincadamente a alguno en la cara: mas si alguno les habla, respondan honestamente..."¹³⁵. Igualmente, "sean en sus tiempos castigadas con templança y muy castigadas que no hablen con hombres ni les den del ojo, ni hagan señales...; y sean castigadas que no se paren a las ventanas a mirar ni a hablar en la calle con mancebos..."¹³⁶.

Naturalmente, à medida que as filhas iam crescendo, a preocupação com as suas atitudes exteriores, com o seu modo de ser e de estar foi também aumentando, especialmente porque se aproximava o momento da decisão de "tomar estado", sendo as já referidas "virtudes femininas" consideradas essenciais para que a futura casada viesse a ser "bem casada".

*

Como dissemos, a atenção cada vez maior que humanistas e moralistas da primeira metade do século XVI foram dispensando à educação dos filhos deve ser entendida no contexto da, igualmente, maior atenção ao "estado" dos casados e da valorização em geral da educação - não só da instrução, mas também, senão sobretudo, da formação religiosa e moral. Além disso, a influência decisiva - e duradoira, como veremos - de S. Jerónimo, consagrada por todos os grandes humanistas e moralistas do século XVI, conferiu à educação específica das filhas uma matriz cultural persistente, que se viria a manter ao longo de todo o século XVII.

Para a educação dos filhos - em particular dos príncipes e nobres - a afirmação da complementaridade das "letras" em relação às "armas" acompanhada da revalorização das propostas de Plutarco, Quintiliano e outros autores clássicos parece ter sido determinante; mas o rumo dessa educação só se compreende pela crescente articulação das propostas destes clássicos com as de religiosos, humanistas e moralistas que as adaptaram às novas correntes e às novas necessidades - religiosas, morais e também sociais; um rumo que veremos tomar, ao longo da segunda metade do século XVI e no século XVII, caminhos mais precisos e diversificados, nomeadamente depois que Trento fez imprimir novo fôlego à acção pastoral e catequética.

¹³⁵ *Carro*, fl. xvi r.

¹³⁶ *Carro*, fl. xvi v.